

Nova Augusta n.º 27

revista de cultura _2015

Marco António Andrade

UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa
(Grupo de Estudo das Antigas Sociedades Camponesas; Projecto
PLACA-NOSTRA); Fundação para a Ciência e Tecnologia (SFRH/
BD/86232/2012). marcoandrade@campus.ul.pt

Contributo para a definição das práticas funerárias neolíticas e calcolíticas no Maciço Calcário Estremenho

2: As placas votivas da “necrópole megalítica” das Lapas (Torres Novas) e o hipogeísmo na Alta Estremadura

A “necrópole megalítica” das Lapas foi identificada e intervencionada na década de 30 do século passado, naquilo que poderá ser considerado como uma das primeiras intervenções de arqueologia de emergência realizadas em Portugal. Até ao momento, não foi definido a que tipo de monumento corresponderia, embora alguns vestígios ainda presentes no terreno (e o contexto geológico) sugiram que se trataria de uma gruta artificial escavada nos calcários brandos. Sendo este o caso, trata-se – juntamente com as grutas artificiais da Ribeira Branca e a recentemente identificada e escavada na área do Convento do Carmo, com as quais partilha a mesma unidade geográfica – da manifestação mais setentrional deste tipo de monumentos em território português. Espera-se concorrer, com mais este contributo, para uma melhor definição das práticas funerárias neolíticas e calcolíticas no Maciço Calcário Estremenho.

0. Nota Prévia

No número anterior da série *Contributo para a definição das práticas funerárias neolíticas e calcolíticas no Maciço Calcário Estremenho* (Andrade *et al.*, 2010), apresentando-se as placas de xisto gravadas recolhidas na gruta da Buraca da Moura da Rexaldia, foi dito que os exemplares recolhidos na necrópole das Lapas se referiam a elementos que não ofereciam paralelos directos com as placas em estudo (nomeadamente, a nível iconográfico). Tal afirmação baseou-se, somente, no conhecimento exclusivo das placas de xisto gravadas provenientes daquele sítio resultantes das recolhas de E. Jalhay e presentes no Museu de Torres Novas (publicadas em Almeida e Ferreira, 1959a), desconhecendo-se à altura a colecção pertencente ao acervo do Museu Nacional de Arqueologia resultante da intervenção de M. Heleno (com alguns elementos erradamente integrados no conjunto da Quinta das Lapas, Torres Vedras, recolhido pelo mesmo investigador). Naquele conjunto (publicado em Carreira, 1996 juntamente com a colecção do Museu de Torres Novas), encontra-se um exemplar extremamente semelhante a uma das placas estudadas no primeiro título – nomeadamente a nível da composição oculada patente. Da mesma maneira, um exemplar recolhido em Vila Nova de São Pedro (Jalhay e Paço, 1945) enquadra-se igualmente nesta categoria, sendo evidente a analogia desta mesma composição entre este exemplar e aqueles provenientes da gruta da Buraca da Moura da Rexaldia e Lapas.

Serve o presente trabalho, para além do seu óbvio carácter monográfico, como ressalva àquele primeiro texto, escusando-se assim a informação truncada.

1. Introdução.

Até há bem pouco considerado como um fenómeno eminentemente “litoral”, tendo em conta a sua particular ocorrência na área da Estremadura, Algarve e Andaluzia, o hipogeísmo sempre foi considerado como um episódio paralelo ao Megalitismo ortostático – mas com este concomitante, como o atesta a presença de placas de xisto gravadas (e placas de grés) compondo os mobiliários votivos da grande maioria das grutas artificiais conhecidas (destacando-se, em termos de número de elementos, os casos de Cabeço da Arruda 1, Câmara Ocidental da Praia das Maças, Aljezur e Monte Canelas 1).

Dados recentes têm demonstrado que este fenómeno não é de todo exclusivo da orla marítima peninsular, surgindo ocorrências em áreas interiores, distribuídas por uma ampla diacronia de construção/utilização – como se comprova pelos exemplos de Sobreira de Cima e Valle de las Higueras, entre outros. Obviamente que se reconhece as evidentes divergências tipológicas entre as várias regiões, referindo-se contudo que uma gruta artificial é sempre uma gruta artificial, independentemente das suas características formais.

Neste contexto particular se inscreve a designada “necrópole megalítica” das Lapas, residindo a sua importância no facto de, juntamente com as grutas artificiais da Ribeira Branca e a recentemente identificada e escavada na área do Convento do Carmo (sob a direcção de A. Faustino Carvalho), se tratar até ao momento da manifestação mais setentrional deste tipo de monumentos reconhecida em território português.

O interesse por este conjunto surgiu ainda durante a redacção do texto sobre as placas de xisto gravadas da gruta da Buraca da Moura da Rexaldia (Andrade *et al.*, 2010), tendo-se realizado então (em 27 de Abril de 2010) trabalhos de localização com vista a identificar

potenciais vestígios que subsistissem desta realidade. Na área específica do contexto de onde foi recuperado o espólio arqueológico, nada de concreto se reconheceu, tendo-se identificado contudo outras estruturas aparentemente semelhantes numa zona a cerca de 20-30 m mais a Norte, também já seriamente afectadas pela construção de edifícios. Poderá configurar assim um complexo de monumentos – semelhante a outros exemplos arqueográficos disponíveis.

Posteriormente (em 2013), requereu-se autorização junto do Director do Museu Nacional de Arqueologia para o estudo do espólio da necrópole das Lapas – autorização esta deferida, prevendo-se então iniciar estes trabalhos assim que as contingências logísticas e cronogramáticas o permitissem. Contudo, com o desenvolver de outros trabalhos de investigação, não se previa a análise rigorosa deste conjunto a curto prazo. Foi então sugerido (em 2014) o seu estudo a uma aluna do curso de mestrado em Arqueologia na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, cedendo-lhe de boa-fé o acesso ao espólio do Museu Nacional de Arqueologia e todas as informações entretanto coligidas sobre este complexo. Contudo, nunca se perdeu de vista a ambição inicial, retomando-a assim que possível...

Serve, contudo, o presente trabalho para apresentar as placas votivas desta necrópole – elementos que se destacam no conjunto do espólio recuperado (referindo-se os restantes a elementos de certa forma comuns no contexto geográfico e crono-cultural em que se encontram).

Agradece-se, neste sentido, ao Museu Nacional de Arqueologia e ao Museu Municipal Carlos Reis (Torres Novas), na pessoa dos seus representantes, pela autorização de acesso a este espólio; agradece-se também à Crivarque – Trabalhos Geo-Arqueológicos, Lda. e à STEA – Sociedade Torrejana de Espeleologia e Arqueologia pelo apoio logístico na execução deste e de outros projectos.

2. A “necrópole megalítica” das Lapas: localização e caracterização.

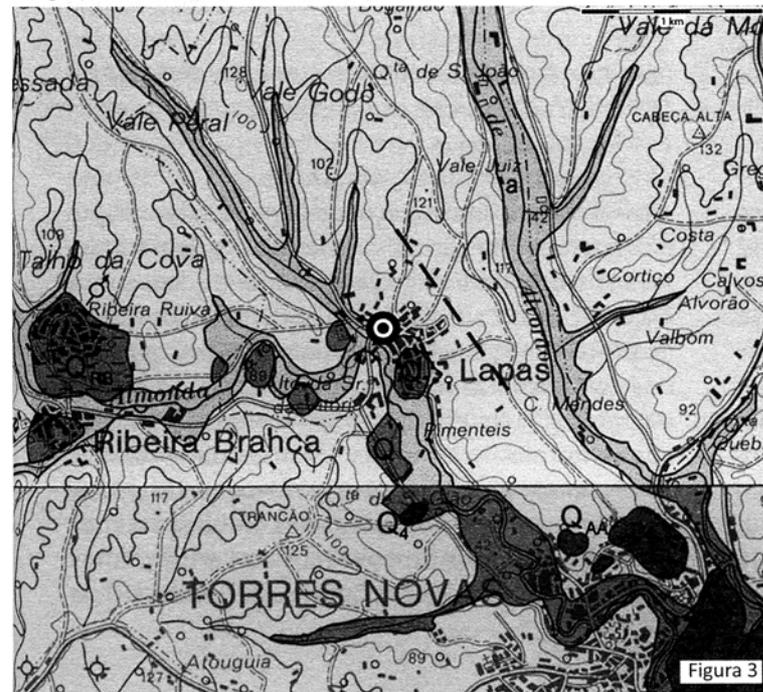
A “necrópole megalítica” das Lapas situa-se no espaço urbano da povoação homónima, concelho de Torres Novas (distrito de Santarém). Nenhum indício subsiste actualmente do contexto original de onde foi recuperado o espólio analisado (definido no âmbito deste estudo como Lapas 1), encontrando-se possivelmente junto à actual Rua António Borge, pelo que as suas características tipológicas não poderão ser rigorosamente aferidas. No entanto, e de acordo com as fotografias disponíveis, foi identificada nesta intervenção, e entre outras (designadas como “covachos”), uma estrutura indeterminada de contorno sensivelmente circular aparentemente escavada nos calcários brandos, podendo corresponder à base de uma gruta artificial.

Contudo, em 2010, foram identificadas pelo signatário três outras realidades inéditas a poucas dezenas de metros a Norte, mais afastadas da área objecto de escavação (situada mais próxima do curso do Almonda). Da primeira delas (Lapas 2), segmentada em cerca de 4/5 da sua extensão pela construção de um edifício, subsiste parte da base e do arranque da cúpula escavada nos calcários brandos. A segunda e a terceira (Lapas 3 e 4), apresentando-se como espaços de contorno sensivelmente circular (conservando cerca de metade da sua extensão) igualmente escavados nos calcários brandos, encontram-se nas traseiras daquele mesmo edifício, sendo usadas actualmente como depósitos de lenha.

Qualquer uma destas realidades encontra-se já desprovida dos seus enchimentos, pelo que a sua potencialidade científica se encontra obliterada (não sendo assim possível determinar as suas cronologias específicas). No entanto, poderão servir para definir (pelo menos, a nível teórico) a “necrópole” das Lapas como um possível complexo de hipogeus localizado



Localização da “necrópole megalítica” das Lapas na folha nº 319 da Carta Militar de Portugal (esc. 1:25000).



Localização da “necrópole megalítica” das Lapas na folha nº 27A da Carta Geológica de Portugal (esc. 1:50000): aluviões holocénicos (a); depósitos de terraços plistocénicos (Q); tufo calcários plistocénicos (Q_{Rb} e Q_{AA}); calcários miocénicos (M_{Sa}).

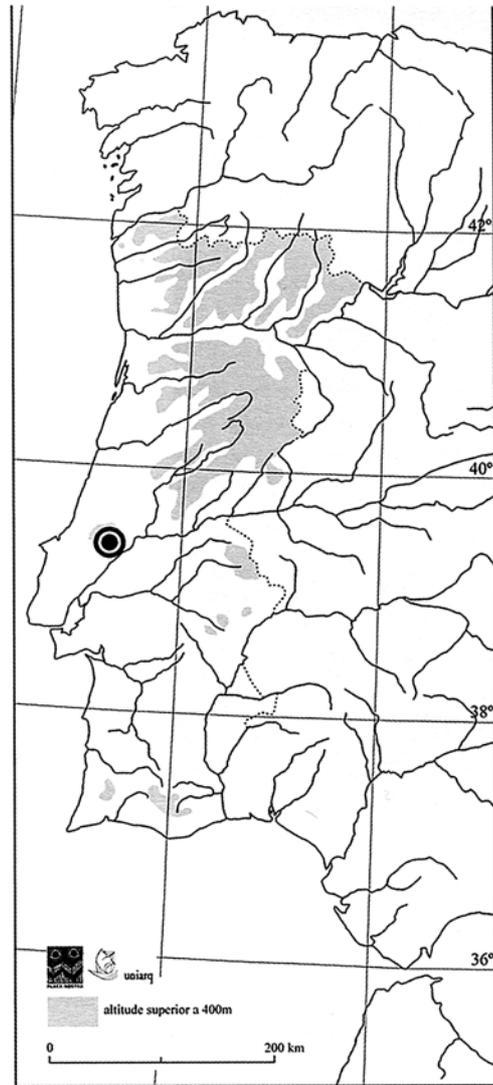


Figura 2

Figura 1

Localização da “necrópole megalítica” das Lapas no Ocidente peninsular.



Figura 4

Localização da “necrópole megalítica” das Lapas na Secção E do Cadastro Geométrico da Propriedade Rústica – Torres Novas, Lapas.

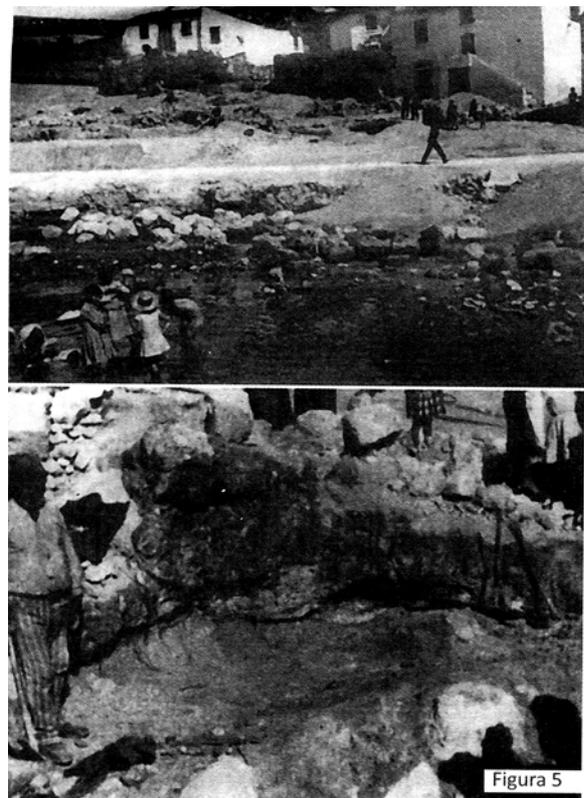


Figura 5

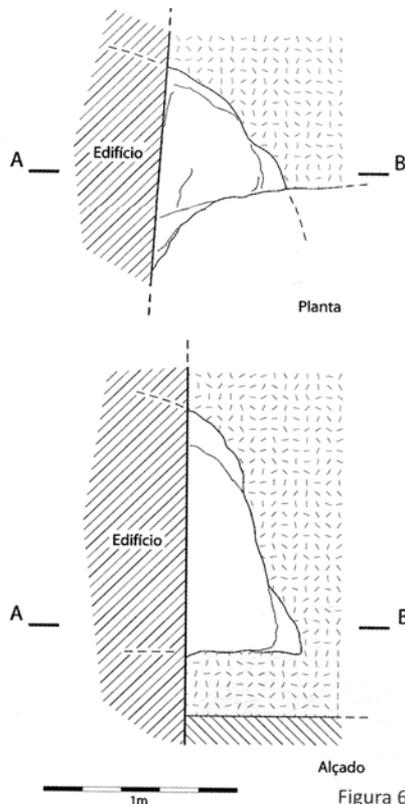


Figura 6

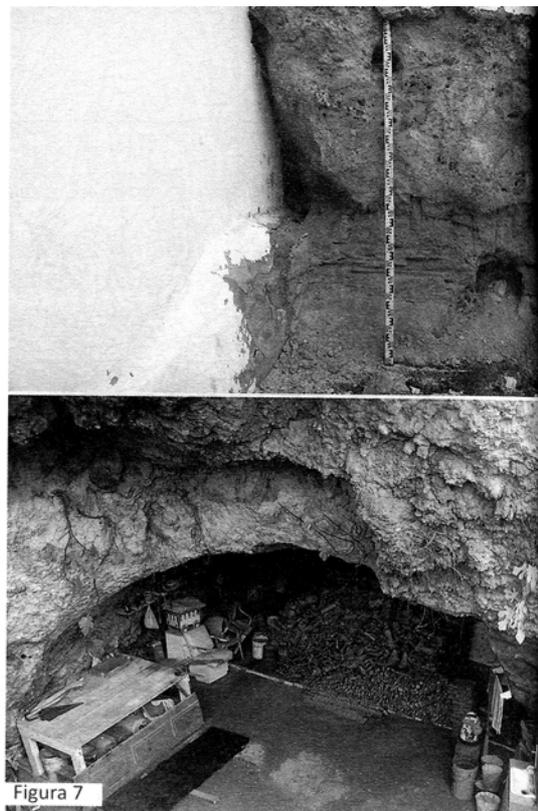


Figura 7

Figura 5: Em cima, panorâmica de Lapas 1 em relação ao Almonda, na altura da sua identificação (adaptado de Carreira, 1996, p. 65). Em baixo, estrutura indeterminada de contorno sensivelmente circular identificada durante a escavação de Lapas 1, podendo corresponder à base de uma gruta artificial (adaptado de Carreira, 1996, p. 75).

Figura 6: Planta e alçado da área conservada de Lapas 2.

Figura 7: Em cima, aspecto de Lapas 2. Em baixo, Aspecto de Lapas 3. Fotos de MAA, Abril de 2010.

entre a Rua António Borga, a Rua do Vale Ferreiro e a Rua José Romão – composto, aparentemente e até ao momento, por quatro monumentos hipogeicos, provavelmente junto à Ladeira do Carreiro. Situa-se assim este conjunto, na folha nº 319 da Carta Militar de Portugal (esc. 1:25000), nas seguintes coordenadas UTM (*datum* Europeu 1950, medidas com GPS Garmin *eTrex Legend*, com uma precisão de 7 metros):

X (m): 0538406 | Y (p): 4372025 | N (altimetria): 56m.

Ou, em coordenadas geográficas (*datum* WGS84):
Latitude (N): 39°29'42,2" | Longitude (W): 08°33'16,7".

Localiza-se no interflúvio Alvorão-Almonda, na base da encosta W da sua linha de cumeada, junto a um meandro do último curso de água referido. Segundo a folha nº 27A da Carta Geológica de Portugal, localiza-se no contacto entre os aluviões holocénicos e os calcários do Miocénico superior ("calcários de Santarém e Almoester"). No entanto, o seu contexto geológico aparenta referir-se a tufos calcários plistocénicos possivelmente não cartografados – contexto geológico onde aliás se incluem as grutas da Ribeira Branca e potencialmente a do Convento do Carmo ("tufos calcário da Ribeira Branca/tufos calcários do Alviela

e Almonda” segundo as folhas nº 27A e 27C da Carta Geológica de Portugal).

A “necrópole megalítica” das Lapas foi identificada em meados da década de 30 do século passado, durante os trabalhos de construção de um edifício, localizando-se, segundo F. de Almeida e O. da Veiga Ferreira, a cerca de 50 m a Norte das grutas “históricas” das Lapas (Almeida e Ferreira, 1959a, p. 501; 1959b, p. 232).

O primeiro reconhecimento arqueológico deste contexto foi realizado por E. Jalhay, naquilo que pode ser considerado como uma das primeiras intervenções de Arqueologia de Emergência realizadas em Portugal, juntamente com o “acompanhamento arqueológico” fortuito de construção anexa ao balneário do Estoril realizado por F. Alves Pereira duas dezenas de anos antes e do qual resultou o reconhecimento científico do povoado do Neolítico final/Calcolítico do Alto do Estoril (cf. Gonçalves e Sousa, 2010).

Neste âmbito, e exposto pelos trabalhos de construção acima referidos, foi recolhido variado espólio que permitia pressupor a existência de uma necrópole pré-histórica, tendo sido imediatamente encaminhado para o Museu Municipal de Torres Novas. A ausência, neste conjunto, de elementos de pequena dimensão (tais como as contas de colar ou as pontas de seta e os geométricos, exclusivos à colecção do Museu Nacional de Arqueologia), permite supor que se terá tratado de uma recolha superficial dos artefactos expostos pelos trabalhos de construção, e não de uma escavação efectiva.

M. Heleno, que à altura conduzia escavações nas grutas da Senhora da Luz em Rio Maior, visitou o local – atestando o interesse arqueológico do contexto. Talvez valendo-se dos seus recém adquiridos cargos (como director efectivo do Museu Nacional de Arqueologia desde 1930, catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa desde 1933, secretário da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e vogal do Conselho Superior de Belas-Artes e da Junta de

Escavações em 1935), chamou a si a responsabilidade científica sobre a necrópole das Lapas, pretextando sobre a extrema importância do contexto identificado. Aí conduziu escavações em 1935 e 1936, tendo o espólio revertido para o Museu Nacional de Arqueologia.

É dito especificamente a este respeito: «O Prof. Manuel Heleno fez várias excursões: a Torres Novas, onde colheu muitas notas sobre os objectos (instrumentos de sílex, alabardas, machados, placas de ardósia, cerâmica, ossadas, etc.) que tinham aparecido recentemente na necrópole das Lapas [...]. Neste ano [1935] e nos seguintes explorou a necrópole das Lapas (Torres Novas)» (Machado, 1964, p. 115).

Estando o conjunto recolhido por M. Heleno inacessível até à data da sua morte (pelas circunstâncias que se conhecem), F. de Almeida e O. da Veiga Ferreira (talvez mesmo não o conhecendo, pelas mesmas razões) publicam apenas o conjunto recolhido por E. Jalhay (Almeida e Ferreira, 1959a), dedicando igualmente um estudo monográfico aos vasos de boca elíptica aqui recolhidos (Almeida e Ferreira, 1959b).

Posteriormente, ao publicar o espólio das grutas artificiais da Quinta das Lapas (Torres Vedras), O. da Veiga Ferreira inclui inadvertidamente neste conjunto alguns elementos das Lapas de Torres Novas (Ferreira, 1970) – situação evidenciada por J. L. Marques Gonçalves ao re-estudar aquele mesmo conjunto (Marques Gonçalves, 1992). Em finais do século passado, J. Roque Carreira publica integralmente o conjunto da necrópole das Lapas, fazendo a sùmula do espólio aqui recolhido (Carreira, 1996).

Refira-se ainda que, nas notas de inventário do Museu Nacional de Arqueologia, o conjunto de M. Heleno (reinventariado em 2003) é referido como recolhido por E. Jalhay em 1938, tendo dado entrada nesta instituição por alturas da direcção de F. de Almeida. Tal informação não será tão exacta, pois o espólio recolhido por E. Jalhay e entregue no Museu Municipal de Torres Novas

Quadro 1 – Placas de xisto gravadas: características gerais e motivos dominantes.

Ref.	MP	Forma	Motivo dominante do Corpo	Composição da Cabeça	Perfs.
MMTN 275	Serp.	Rectangular	Faixas ziguezagueantes compartimentadas internamente	n.d.	n.d.
MMTN 276	Xisto	Trapezoidal	Bandas de triângulos preenchidos com o vértice para cima	V central ladeado por faixas horizontais preenchidas	1C
MNA 2003.168.162	Xisto	Rectangular	Bandas de triângulos preenchidos com o vértice para cima (Verso)	Motivo oculado (Face)	1BTC
MNA 2003.168.163	Xisto	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.
MNA 2003.168.137	Grés	Rectangular	/	/	0

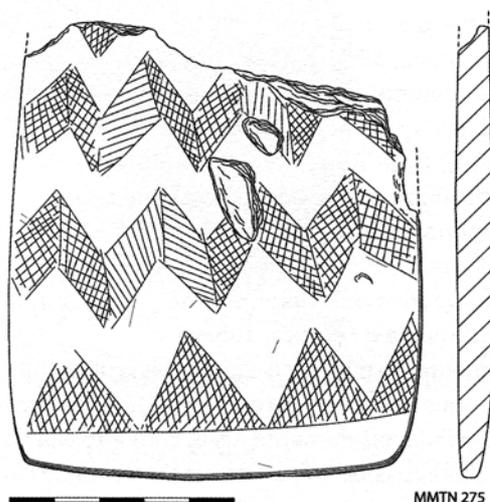


Figura 8: Placa de serpentinito gravada MMTN 275.

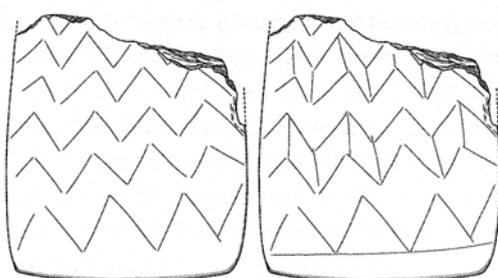


Figura 9: Paginação estruturante da decoração da placa de serpentinito gravada MMTN 275.

lá continua exposto ainda, assim como a imprensa local (e os cadernos de campo de M. Heleno) divulga a notícia deste achado em meados de 1935 e não em 1938 (como referido por O. da Veiga Ferreira e F. de Almeida)...

3. As placas votivas da "necrópole megalítica" das Lapas: atributos morfo-tipológicos.

As placas votivas da necrópole das Lapas encontram-se representadas por cinco elementos, usando xisto ardoso, serpentinito e grés como suporte. Fazem parte do acervo museológico o Museu Municipal Carlos Reis de Torres Novas (coleção de E. Jalhay) e do Museu Nacional de Arqueologia (coleção de M. Heleno), referenciados com os números MMTN 275, MMTN 276, MNA 2003.168.162, MNA 2003.168.163 e MNA 2003.168.137.

Foram utilizados, para a sua análise, os critérios descritivos utilizados actualmente no âmbito do projecto PLACA-NOSTRA, da UNIARQ (e expressos, por exemplo, em Gonçalves, 2004a, 2004b, 2011), procurando-se manter a uniformidade da terminologia aplicada.

MMTN 275

Fragmento proximal de placa de serpentinito gravada, de contorno aparentemente sub-rectangular. Preserva

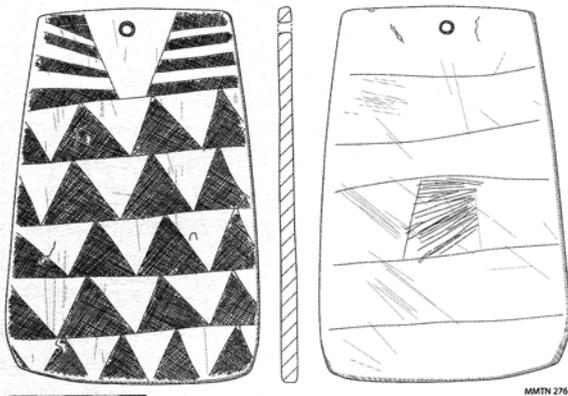


Figura 10: Placa de xisto gravada MMTN 276 (Face e Verso).

somente parte do Corpo (apresentando cerca de 10,3 cm de altura conservados), oferecendo 8,5 cm de largura da base.

Encontra-se decorada com faixas ziguezagueantes compartimentadas internamente (apresentando assim linhas-guia no interior destas faixas, tratando-se não de uma paginação do contorno do motivo decorativo mas do seu preenchimento). Estas faixas estão preenchidas tanto por linhas reticuladas como por linhas simples verticais. Apresentaria um mínimo de três faixas ziguezagueantes dispostas em quatro *chevrons* (a superior representada apenas pelo vértice inferior de um dos *chevrons*), abrindo no sentido ascendente e fechando no sentido descendente (direcção lida da esquerda para a direita).

O motivo decorativo do Corpo é rematado por uma banda de triângulos preenchidos com o vértice para cima, composta por quatro triângulos (estando truncado aquele localizado junto ao bordo direito da placa), encimando uma faixa lisa (indicador de fim de placa).

A espessura média desta placa é de cerca de 0,7 cm, não sendo possível determinar o tipo e número de perfurações (muito embora as placas de serpentinito usualmente apresentem duas perfurações). Por fractura da peça (estando ausente todo o terço superior), não é possível determinar o Índice de Alongamento.

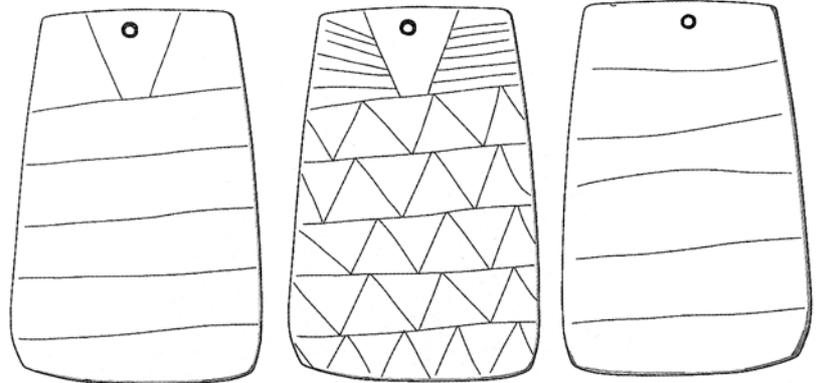


Figura 11: Paginação estruturante da decoração da Face da placa de xisto gravada MMTN 276 e sua comparação com a gravação do Verso (em baixo).

MMTN 276

Placa de xisto gravada, apresentando recorte sub-trapezoidal, com uma altura média de 14,1 cm para uma largura de 8,6 cm na base e 7,1 cm no topo. A Cabeça, com 3,4 cm de altura e separada do Corpo por uma linha simples, apresenta decoração composta por faixas sensivelmente horizontais preenchidas (quatro em ambos lados, as duas de topo adossadas ao bordo superior) convergindo dos bordos laterais da placa para o V central (a “Cabeça dentro da Cabeça”, neste caso de feição trapezoidal). A decoração do Corpo (que apresenta 10,7 cm de altura) compõe-se por bandas de triângulos preenchidos com o vértice para cima dispostos em cinco bandas. Estas bandas (com alturas homogéneas entre os 2 cm e os 2,3 cm), apresentam a seguinte composição de triângulos: 4-4-4-4-5, estando truncados os triângulos junto ao bordo esquerdo. A área da base encontra-se aparentemente reconformada a nível do seu contorno, principalmente evidente no canto inferior esquerdo, estando os dois primeiros triângulos da última banda truncados por polimento do bordo posterior à sua gravação.

O verso apresenta-se gravado (e sem que tal tenha sido notado em estudos anteriores) com cinco traços paralelos sensivelmente horizontais, compartimentando

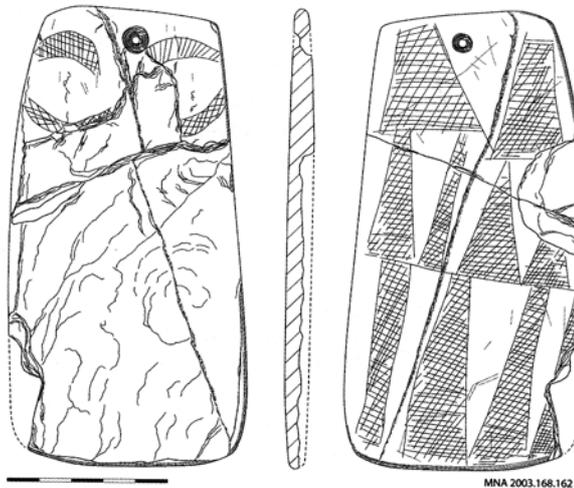


Figura 12: Placa de xisto gravada MNA 2003.168.162 (Face e Verso).

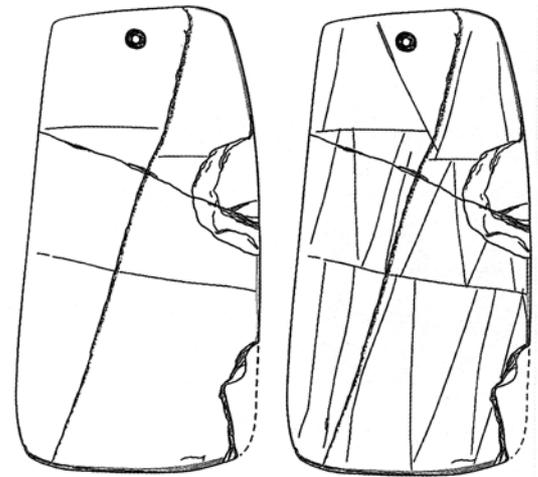


Figura 13: Paginação estruturante da decoração da placa MNA 2003.168.162 (Verso)

o espaço em seis campos distintos. Na área central do quarto campo (lido do topo para a base) encontra-se uma série de traços gravados, delimitados no lado esquerdo por um traço vertical. Tratar-se-á certamente do ensaio de gravação/paginação do motivo decorativo que viria a ocupar a face desta placa, igualmente compartimentado em seis campos distintos (o primeiro reservado à Cabeça e os restantes às bandas de triângulos do Corpo).

A espessura média desta placa é de cerca de 0,5 cm, apresentando perfuração cilíndrica com 0,5 cm de

diâmetro na face e 0,4 cm no verso. Trata-se, segundo o Índice de Alongamento, de uma placa média – oferecendo um índice de 1,64.

MNA 2003.168.162

Placa de xisto gravada, apresentando contorno sub-retangular, com uma altura média de 14,6 cm, para uma largura de $\approx 7,2$ cm na base e 5,5 cm no topo, encontrando-se gravada na face (entendida como a superfície mais plana, assim como aquela que apresenta o motivo principal) e no verso.

Quadro 2 – Placas de xisto gravadas: principais medidas de referência.

Ref.	Est.	Nº Perfs.	Alt	Alt.Cb	Alt.Sp	Alt.Cp	LB	LT	IA	DPF	DPV	Esp.
MMTN 275	Prox.	n.d.	n.d	n.d.	n.d.	n.d	8,5	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	0,7
MMTN 276	Int.	1	14,1	3,5	/	10,6	8,6	7,1	1,64	0,5	0,4	0,5
MNA 2003.168.162	Int.	1	14,6	4,3	/	10,3	$\approx 7,2$	5,5	2,03	0,7	0,6	0,7
MNA 2003.168.163	Frag.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.
MNA 2003.168.137	Distal	0	n.d.	/	/	/	n.d.	3,9	n.d.	/	/	1,4

Legenda: Alt.: Altura medida num ponto central, em cm; AltCb: Altura da Cabeça, em cm; AltSp: Altura do Separador Cabeça/Corpo, em cm; AltCp: Altura do Corpo, em cm; LB: Largura da Base, em cm; LT: Largura do Topo; IA: Índice de Alongamento (Comprimento/Largura da base): alongado (>2), médio (2-1), curto (<1); DPF: Diâmetro da Perfuração da Face; DPV: Diâmetro da Perfuração no Verso; Esp.: Espessura média.

A Cabeça apresenta, na face, uma altura de 4,3 cm, compondo-se a sua decoração por figuração oculada formada pela oposição de faixas em segmento de círculo (não se tratando, objectivamente, de figuração raiada). O motivo dominante do Corpo, na face, é indeterminável, por lascagem da peça.

No verso, encontra-se decorada exclusivamente com bandas de triângulos preenchidos com o vértice para cima (3). Apresenta, assim e aparentemente, um único motivo decorativo – não havendo clara divisão morfológica entre a Cabeça e o Corpo. No entanto, a banda superior (ocupando o espaço usualmente reservada à Cabeça) é composta por dois grandes triângulos, opondo-se às restantes compostas cada uma por quatro triângulos alongados (alguns de feição quase rectangular).

A espessura média desta placa é de cerca de 0,7 cm, apresentando perfuração bi-troncocónica com 0,7 cm de diâmetro na face e 0,6 cm no verso. Trata-se, segundo o Índice de Alongamento, de uma placa alongada – oferecendo um índice de 2,03. Um veio mineral ferruginoso, atravessando esta placa no sentido oblíquo, terá influenciado a composição da decoração – facto principalmente evidente no terço superior do verso.

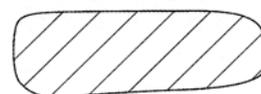
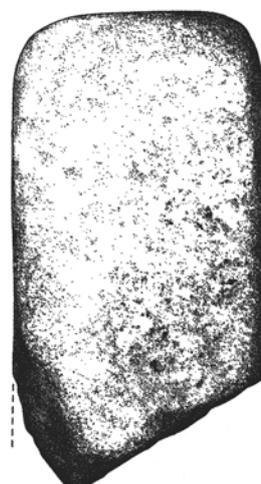
MNA 2003.168.163

Refere-se a quatro lascas de xisto ardosiano, certamente pertencentes a placas de xisto muito fragmentadas, não oferecendo grandes motivos de comentário.

MNA 2003.168.137

Fragmento distal de placa de grés lisa, de contorno sub-rectangular, não estando conservado o seu terço inferior. Apresenta cerca de 7,3 cm de altura conservados, para uma largura de topo de cerca de 3,9 cm. A espessura média desta placa é de cerca de 1,4 cm, apresentando face e verso aplanados. Por fractura da peça (estando ausente todo o terço inferior), não é possível determinar o Índice de Alongamento.

Esta placa é representada tanto por O. da Veiga



MNA 2003.168.137



Figura 14: Placa de grés lisa MNA 2003.162.137.

Ferreira (1970) como por J. R. Carreira (1996) como um fragmento proximal. No entanto, para quem conhece estes artefactos, este exemplar corresponde sem dúvida a um fragmento distal, sendo notória a menor largura da extremidade conservada em relação à área mesial da peça – porque, se são conhecidos os exemplares de contorno rectangular, trapezoidal e mesmo hiperbolóide, os exemplares de contorno rombóide (como seria o caso, se se tratasse de um fragmento proximal) são completamente desconhecidos.

4. Placas de xisto gravadas, hipogeus e práticas funerárias: algumas leituras a partir da área estremenha.

Como dito acima e em termos genéricos, o conjunto votivo da “necrópole megalítica” das Lapas não destoa muito dos de outros contextos funerários coevos conhecidos nesta área regional, sendo facilmente integrável

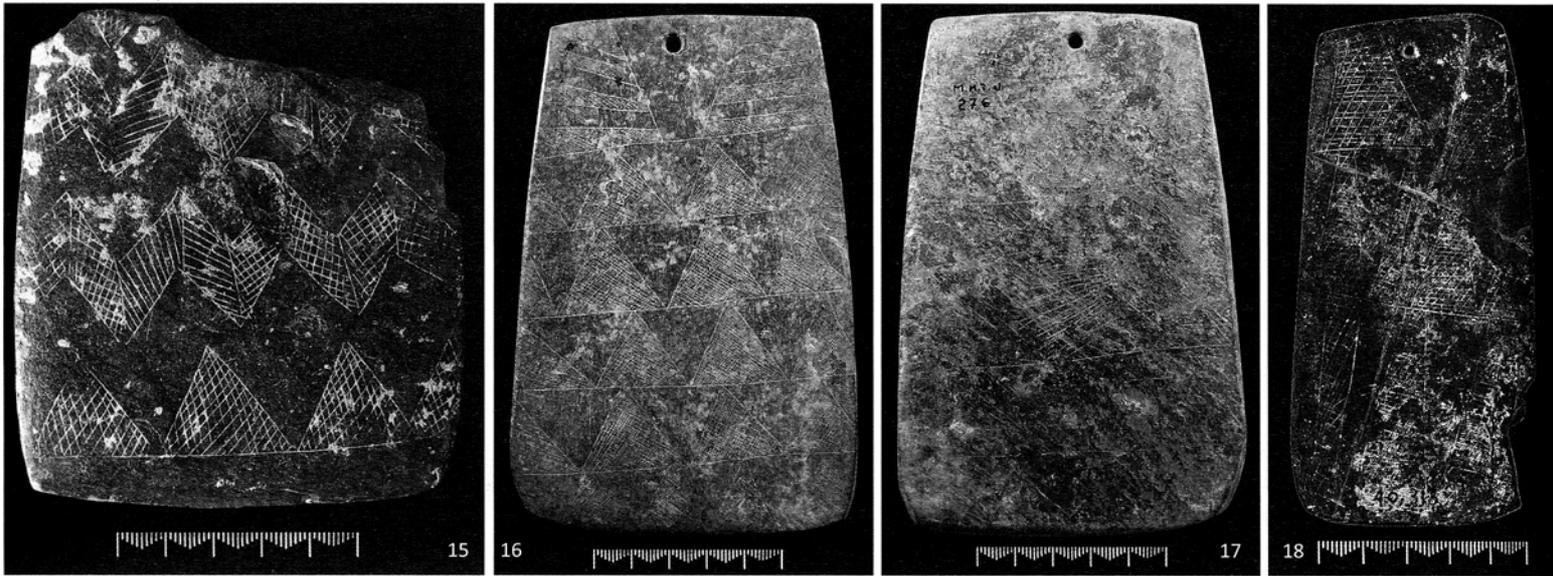


Figura 15: Placa de serpentinito gravada MMTN 275.

Figura 16: Placa de xisto gravada MMTN 276 (Face).

Figura 17: Placa de xisto gravada MMTN 276 (Verso).

Figura 18: Placa de xisto gravada MNA 2003.168.162 (Verso) (cortesia do Museu Nacional de Arqueologia).

entre os últimos séculos do 4^o milénio e os primeiros do 3^o milénio a.n.e. Compõe-se, na globalidade, por itens de certa forma comuns no âmbito geográfico e crono-cultural em que se encontram. Caracterizam-se genericamente por:

Recipientes cerâmicos: vasos lisos (pequenas taças esferoidais e pequenas taças de boca elíptica);

Artefactos de pedra Lascada: micrólitos geométricos (trapézios assimétricos), pontas de seta (de base côncava, convexa e triangular), pontas de dardo ou pequenas alabardas, lâminas (simples, retocadas ou com sinais de uso, de várias fases de debitagem);

Artefactos de pedra Polida: machados (de secção sub-rectangular e sub-quadrangular, alguns de dimensão considerável), enxós, formão, goiva (de pequena dimensão);

Artefactos Relacionados com o Sagrado: placas de xisto gravadas, placa de grés, artefacto votivo de calcário (possível báculo);

Artefactos de Adorno Pessoal: “alfinetes” de osso (de cabeça amovível, lisa e canelada), grande conta

rombóide de osso com duas caneluras gravadas nas extremidades, contas de colar discóides (em osso, xisto e serpentinito), contas de colar bitroncónicas achatadas (uma das quais possivelmente de azeviche), figuras zoomórficas de pedra verde (lagomorfos, um dos quais representando duas figuras geminadas), canino de *canis* sp. perfurado; Outros Artefactos e Objectos: pequeno esferóide de calcário.

Destacam-se, neste conjunto, as placas votivas, os vasos de boca elíptica e um ou outro elemento mais curioso – sendo de salientar os artefactos de adorno pessoal. São dignos de nota as pequenas estatuetas lagomórficas (em pedra verde, uma delas apresentando duas figuras geminadas) e uma grande conta de colar em osso semelhante a uma outra em marfim recolhida na anta da Capela, Avis (Schuhmacher *et al.* 2009), onde também se encontram “alfinetes” de cabeça canelada e caninos de *canis* sp. perfurados (colecção em estudo pelo signatário).

O curioso artefacto de calcário, referido como uma

enxó encabada (ou, mais propriamente, a representação de uma enxó encabada) por F. de Almeida e O. da Veiga Ferreira (1959a), poderá tratar-se unicamente de um báculo (ou pelo menos o esboço de) em calcário – interpretação já considerada por J. Roque Carreira (1996) e com a qual concordo, sendo notoriamente evidente a divergência morfológica entre esta peça e as enxós de calcário sobejamente conhecidas na área estremenha (cf. por exemplo Gonçalves, 2003; 2009a) Com efeito, é manifesta a ausência da “lâmina de enxó” (sempre presente nas *verdadeiras* enxós de calcário) no exemplar da necrópole das Lapas, apresentando uma frente plana de secção sub-elíptica. Tratar-se-á efectivamente de um pequeno báculo em calcário, sendo a transição Cabeça/Cabo feita em ângulo recto (e não em curvatura), à semelhança do báculo da Lapa da Galinha (este em xisto).

Refira-se ainda, e dentro de outro âmbito específico de estudo, as características específicas dos sílices usados como suporte para os artefactos líticos talhados da necrópole das Lapas, sendo possível diferenciar duas potenciais áreas de aprovisionamento distintas. Por uma observação macroscópica (sendo obviamente necessária outra escala de análise para atestar esta suposição), é possível distinguir elementos com características petrográficas semelhantes às das silicificações cenomanianas da área de Rio Maior (Azinheira e Amieira-Arruda dos Pisões), e outros com características petrográficas semelhantes às das silicificações cenomanianas da área de Ourém (Pederneira e Caxarias), ambas encontradas em posição secundária nos depósitos adjacentes. Embora outras potenciais áreas de aprovisionamento com características semelhantes se encontrem disponíveis, destacam-se aquelas por nelas se registarem oficinas de talhe do Neolítico final e Calcolítico, orientadas para a produção de foliáceos e grandes lâminas (Andrade *et al.*, 2014; Andrade e Matias, 2013; Zilhão, 1994; Forenbaher, 1999, cf. Aubry *et al.*, 2014 a respeito das características petrográficas destes sílices).

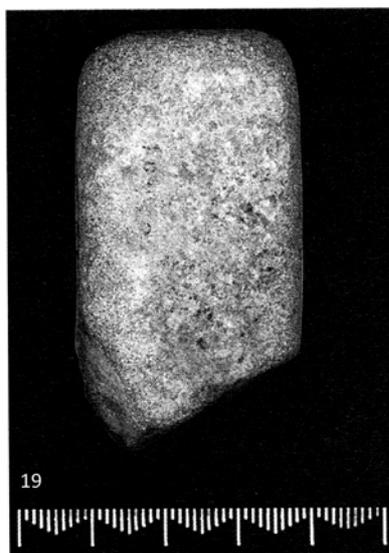


Figura 19: Placa de grés lisa MNA 2003.168.137 (cortesia do Museu Nacional de Arqueologia).

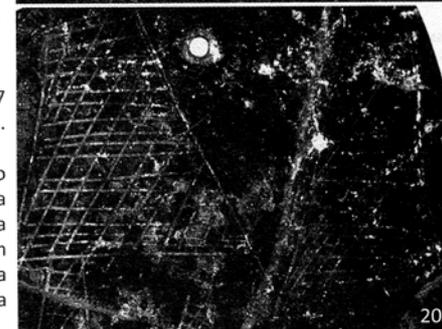


Figura 20: Em cima, pormenor da decoração do Corpo da placa de serpentinito gravada MMTN 275. Ao centro, pormenor da Cabeça da placa de xisto gravada MMTN 276. Em baixo, pormenor da Cabeça (Verso) da placa de xisto gravada MNA 2003.168.162 (cortesia do Museu Nacional de Arqueologia).

Assim, embora referido na literatura respectiva que o sílex utilizado nos utensílios da necrópole das Lapas seria de proveniência local, as áreas com nódulos siliciosos identificados no seu entorno imediato (reconhecidos por trabalhos de prospecção recentes) referem-se à identificação de elementos dificilmente trabalháveis (pela sua exiguidade) neste âmbito cronológico ou a elementos com origem geológica distinta (Matias, 2012). Assim, segundo os modelos de aprovisionamento definidos por J.-M. Geneste (1985; 1991), dificilmente poderemos propor o *aprovisionamento local* (dentro de uma área de 5 km de raio) de matérias-primas

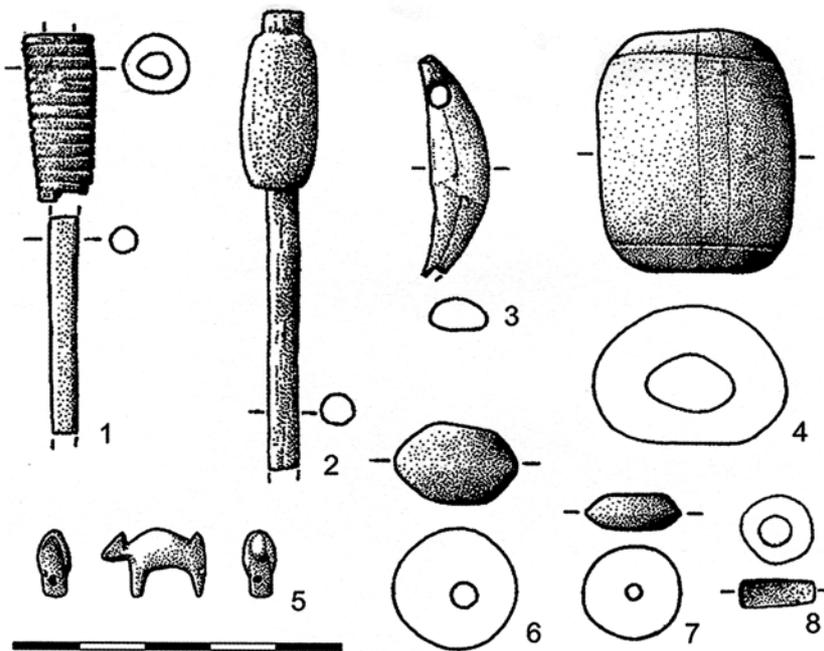


Figura 21: Exemplos de artefactos de adorno pessoal da necrópole das Lapas. 1-2: "alfinetes" de osso de cabeça amovível, lisa e canelada; 3: canino de canis sp. perfurado; 4: grande conta de osso com caneluras; 5: lagomorfo de pedra verde; 6-7: contas de colar bitroncocónicas achatadas; 8: conta de colar discóide. Adaptado de Carreira, 1996, p. 89-90, Est. 9-10.

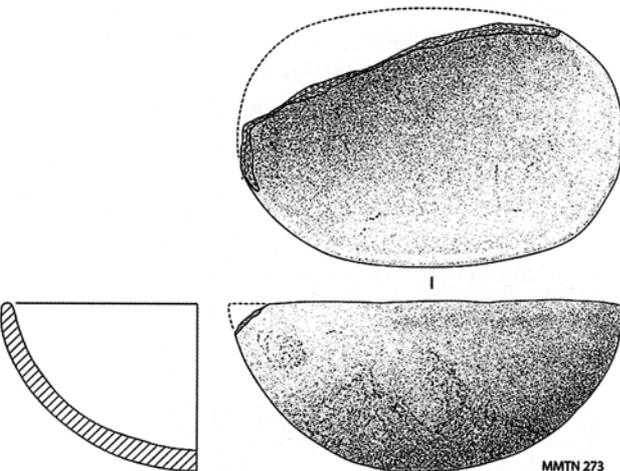
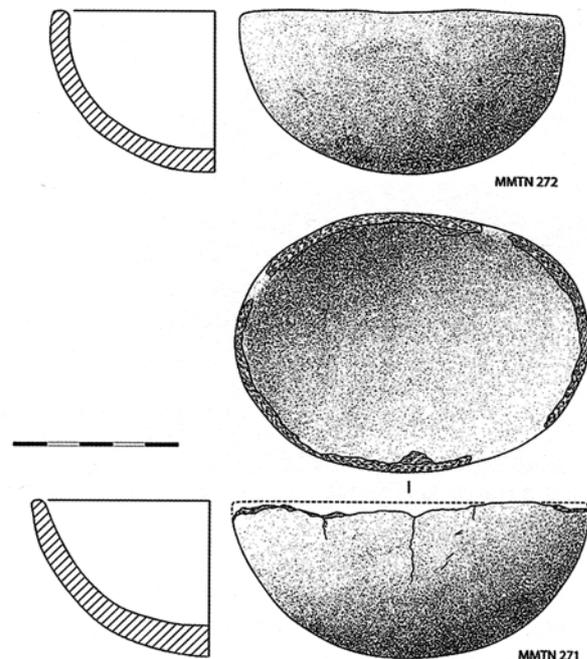


Figura 23: Artefacto votivo de calcário da necrópole das Lapas: possível báculo (MMTN 256).

Figura 22: Exemplos de recipientes cerâmicos da necrópole das Lapas. 1: taça em calote (MMTN 272); 2-3: taças de boca elíptica (MMTN 271 e 273).

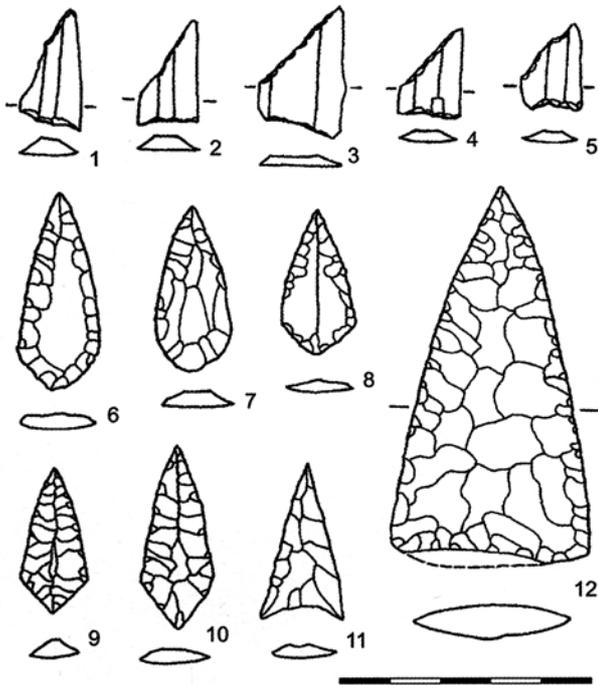


Figura 24: Exemplos de artefactos de pedra lascada (sílex) da necrópole das Lapas. 1-5: geométricos (trapézios assimétricos); 6-11: pontas de seta de base convexa, triangular e côncava; 12: ponta de dardo ou pequena alabarda. Adaptado de Carreira, 1996, p. 85-86, Est. 5-6.

siliciosas. Os grandes blocos necessários à produção das grandes lâminas que se registam na necrópole das Lapas (algumas atingindo talvez os 20 cm de comprimento) estão apenas disponíveis nas áreas acima indicadas – correspondendo a áreas de *aprovisionamento intermédias* (localizadas dentro de uma área de entre 5 e 20 km de raio) e *distantes* (localizadas em áreas superiores a 20 km de raio).

Nesta unidade regional (o Maciço Calcário Estremenho), e como referido anteriormente (Andrade *et al.*, 2010; Gonçalves *et al.*, 2014), registam-se contextos funerários de tipos diversos – correspondendo a larga maioria à utilização funerárias de grutas naturais. Neste âmbito específico (e apenas no que ao “universo cultural megalítico” diz respeito, excluindo assim algumas possíveis utilizações funerárias atribuíveis ao

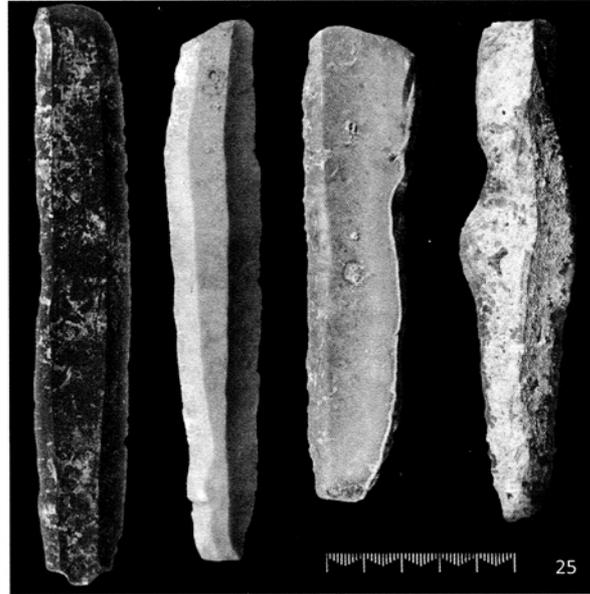


Figura 25: Exemplos de lâminas (simples e retocadas) da necrópole das Lapas, usando sílices cenomanianos das áreas de Rio Maior e Ourém como suporte.

Neolítico antigo), são perfeitamente diferenciáveis dois momentos crono-culturais distintos (Zilhão e Carvalho, 1996): o primeiro caracteriza-se pela associação de micrólitos geométricos, furadores em osso, braceletes sobre valva de *Glycymeris*, artefactos de pedra polida e escassa cerâmica; o segundo é representado pela associação de peças foliáceas (pontas de seta e dardo, punhais, alabardas), lâminas retocadas, cerâmica, artefactos de adorno pessoal em osso (“alfinetes”) e placas de xisto gravadas.

O primeiro destes momentos parece estender-se por todo o 4º milénio a.n.e., possivelmente centrado entre os primeiros séculos do seu segundo quartel e os primeiros do seu último, tendo em conta os dados cronométricos fornecidos por contextos como Lugar do Canto, Algar do Barrão ou Algar do Bom Santo (Cardoso

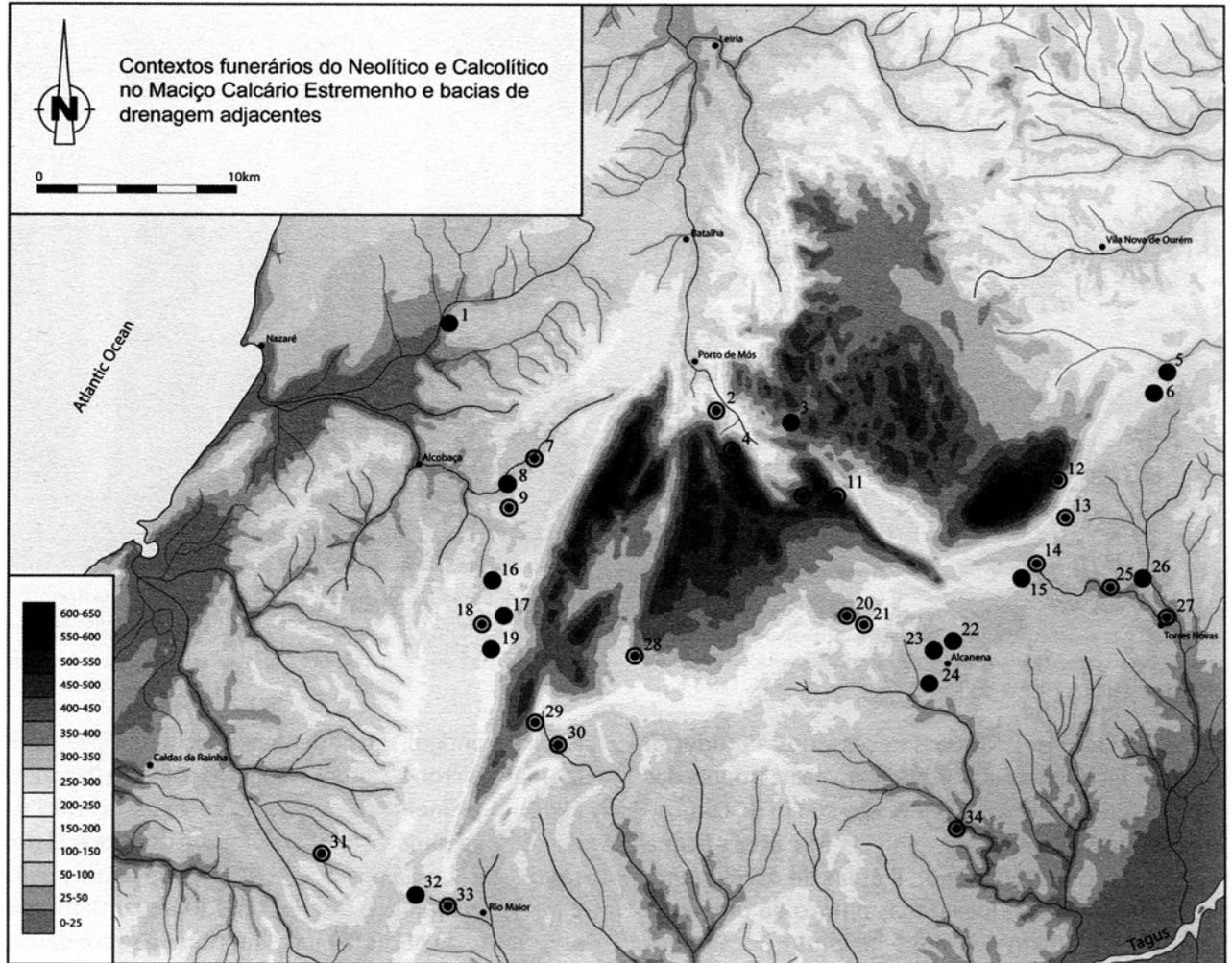


Figura 26: Contextos funerários neolíticos e calcolíticos no Maciço Calcário estremenho (os círculos cheios correspondem a contextos com placas de xisto gravadas). 1: Cova das Lapas (gruta natural); 2: Lapa da Mouração (gruta natural); Pragais (indeterminado); 4: Cova da Velha (gruta natural); 5: Bezelga (gruta natural); 6: Buraca da Moura da Rexaldia (gruta natural); 7: Cadoiço (gruta natural); 8: Carvalhal de Aljubarrota (grutas naturais: Cabeço dos Mosqueiros, Ervideira, Cabeço Rastinho, Calatras, Pena da Velha, Cabeço da Ministra, Vale da Lapa); 9: Lagoa do Cão (gruta natural); 10: Covão do Poço (gruta natural); 11: Ventas do Diabo (gruta natural); 12: Lapa da Modeira (gruta natural); 13: Lapa dos Namorados (gruta natural); 14: Nascente do Almonda (gruta natural: Entrada Superior 2); 15: Lapa da Bugalheira (gruta natural); 16: Vale do Touro (gruta natural); 17: Redondas 9 (gruta natural: Algar João Ramos); 18: Barbata (anta); 19: Carvalhal (gruta natural); 20: Carrascos (gruta natural); 21: Algar do Barrão (gruta natural); 22: Lapa da Galinha (gruta natural); 23: Fonte Moreira (anta); 24: Marmota (gruta natural); 25: Ribeira Branca 1 e 2 (grutas artificiais); 26: Lapas (gruta artificial); 27: Convento do Carmo (gruta artificial); 28: Lugar do Canto (gruta natural); 29: Alcobertas (gruta natural); 30: Alcobertas (anta); 31: Ribeira de Crastos 1 e 2 (grutas artificiais); 32: Senhora da Luz 1 e 2 (grutas naturais); 33: Buraca dos Mouros (gruta natural); 34: Lapa do Saldanha (gruta natural?). Base cartográfica redesenhada a partir de Martins, 1949.

e Carvalho, 2008; Carvalho, 2014; Carvalho e Cardoso, 2015). O segundo momento estará balizado entre os últimos séculos do 4º milénio e meados do 3º milénio a.n.e., correspondendo ao apogeu do Megalitismo no Sudoeste peninsular (Boaventura e Mataloto, 2013).

Regista-se ainda nesta área regional, e possivelmente incluídos neste último patamar crono-cultural, a construção e utilização de grutas artificiais (Ribeira Branca, Lapas, Convento do Carmo), monumentos ortostáticos (Barbatas, Alcobertas, Fonte Moreira) e de tipo indeterminado mas possivelmente em fossa (Pragais). O paralelismo entre estes vários tipos de “soluções mortuárias” lê-se precisamente pela presença de placas de xisto gravadas (e placas de grés congéneres) em muitos destes contextos (Lapas, Fonte Moreira, Pragais, assim como em diversas grutas naturais) – reflectindo deste modo a diversidade cultural da tradição “megalítica” nesta região.

Assim, e reafirmando mais uma vez as afinidades culturais entre as comunidades megalíticas alto-alentejanas e suas congéneres estremenhas (Andrade, 2009; Andrade, 2015a; Andrade *et al.*, 2010; Gonçalves, 2011; Gonçalves *et al.*, 2014), confirmadas por recentes análises isotópicas (Waterman *et al.*, 2013), é tentador comparar este espólio com alguns elementos provenientes de monumentos megalíticos das áreas de Avis e Mora (como a já referida Capela, Ordem 1 ou Brissos 6, colecções em estudo pelo signatário), não falando já do espantoso conjunto da Anta Grande da Comenda da Igreja, Montemor-o-Novo...

Assim, conceitos como “Megalitismo” e “hipogeísmo” são conceitos que, no contexto arqueográfico do Sudoeste peninsular, não poderão ser dissociados. Referindo-se o primeiro mais do que a um critério arquitectónico, evidenciando-se o carácter super-estrutural deste fenómeno, e da mesma maneira como foi definido o “Megalitismo de gruta” (referente à utilização de cavidades cársticas para fins funerários com rituais

semelhantes àqueles registados nos monumentos ortostáticos), poder-se-ia definir igualmente o “Megalitismo hipogeico” – especialmente tendo em conta as características artefactuais de contextos como a Câmara Ocidental da Praia das Maças, Cabeço da Arruda 1, Monte Canelas 1 e Aljezur.

Neste âmbito, citando V. S. Gonçalves: «Les monuments mégalithiques classiques ne sont en effet qu’une partie d’un tout très particulier: les espaces de la mort des anciennes sociétés paysannes. Il faut choisir ce qu’on doit viser: seulement les monuments d’un type particulier ou l’ensemble articulé des rites, des mythes, et des pratiques magico-religieuses qui les ont fait naître» (Gonçalves, 2006, p. 498-499).

Desta maneira, as práticas funerárias das comunidades do Neolítico final e Calcolítico do Sudoeste peninsular desdobram-se em múltiplas variantes de entendimento que se estendem muito para além das características formais dos “contentores de mortos”, agindo precisamente as placas votivas (e o seu uso ecuménico) como elemento caracterizador de um complexo mágico-religioso partilhado.

No círculo geográfico do Maciço Calcário Estremenho, as placas de xisto gravadas surgem, como referido, em qualquer um dos tipos de contextos funerários registados (grutas naturais, grutas artificiais, antas, monumentos indeterminados), revelando a transversalidade cultural do seu uso. No entanto, salienta-se o seu número reduzido quando comparado com outros itens votivos, exceptuando-se os exemplos de grutas localizadas já em áreas mais austrais da Estremadura, como Furadouro da Rocha Forte (Marques Gonçalves, 1992), Cova da Moura (Spindler, 1981), Casa da Moura (Carreira e Cardoso, 2001-2002), Correio-Mor (Cardoso *et al.*, 2003) e Lapa do Bugio (Cardoso, 1992).

Na área regional da necrópole das Lapas destaca-se, por razões óbvias, o notável conjunto da Lapa da Galinha que inclui, para além das placas de xisto “típicas”, uma

placa de serpentinito gravada, uma placa de micaxisto fenestrada, placas de contorno e iconografia antropomórfica, placas gravadas em ambas faces, placas reaproveitadas e uma placa de grés – recolhendo espantosos paralelos na área alto-alentejana (Gonçalves *et al.*, 2014). Salienta-se igualmente o conjunto das grutas de Alcobaça, referindo-se a placa gravada em ambas faces de Vale do Touro 4, a placa antropomórfica com colar de Cabeço da Ministra, as placas reaproveitadas de Cabeço da Ministra e Calatras 4, a placa com “falsos olhos” de Cabeço da Ministra, as placas de grés de Carvalho (Gonçalves, 1978b). Outros exemplares merecem igualmente referência, pela sua originalidade: a placa antropomórfica e a placa oculada da gruta da Buraca da Moura da Rexaldia (Andrade *et al.*, 2010); a placa gravada em ambas faces de Pragais (Sousa, 2004); a placa de serpentinito, a placa oculada, a placa antropomórfica, as placas de grés de contorno hiperbolóide e a placa de grés esculpida da Marmota (Gonçalves *et al.*, 2014). Neste âmbito, os exemplares da necrópole das Lapas merecem comentário por se destacarem, tal como os acima mencionados, na colectânea das placas de xisto gravadas do Maciço Calcário Estremenho.

Em relação à placa MMTN 275, esta inclui-se no grupo das placas de serpentinito (ou das suas congéneres de coloração esverdeada, de xisto anfibólico), correspondendo a um tipo específico que oferece por si só motivos decorativos característicos dentro do panorama geral das placas de xisto gravadas – nomeadamente e na larga maioria dos casos registados, a típica Cabeça curta com dupla perfuração, separada do Corpo por faixa horizontal preenchida, sendo a decoração deste composta por espessas faixas zigzagueantes não compartimentadas ou bandas de pequenos triângulos preenchidos, oferecendo uma especial concentração na área alentejana. Para além do exemplar da necrópole das Lapas, apenas se registam até ao momento nesta área regional (e exceptuando alguns pouco exemplos da baixa Estremadura),

nas grutas da Marmota e Lapa da Galinha – sendo assim perceptível a sua excepcionalidade.

A placa MMTN 276 apresenta-se como um exemplar de certa forma comum dentro do campo da iconografia e imagética das placas de xisto gravadas, estando decorada com bandas de triângulos preenchidos com o vértice para cima e oferecendo numerosos paralelos no contexto megalítico do Sudoeste peninsular. O seu interesse reside no facto de apresentar o verso gravado com traços paralelos horizontais sensivelmente equidistantes, compartimentando o espaço em seis campos distintos, tratando-se naturalmente do ensaio de gravação/paginação do motivo decorativo que viria a ocupar a face. Outra característica que se deverá referir nesta placa é a possível re-conformação do seu contorno na área da base, principalmente evidente no canto inferior esquerdo – encontrando-se cortados, por polimento posterior à sua gravação, os primeiro e segundo triângulos da última banda. Não se trata propriamente de um reaproveitamento, como o registado em vários exemplares recolhidos em contextos funerários do Sudoeste peninsular (cf. a este respeito Gonçalves *et al.*, 2003; Lillios, 2010), não sendo claro o motivo do seu re-polimento – podendo dever-se à lascagem indesejável da peça (embora em pequena escala) após conclusão.

Espacial destaque merece a placa MNA 2003.168.162. Trata-se de uma placa oculada, um modelo que, juntamente com as placas de contorno antropomórfico, é de certo modo extravagante não só no contexto da Estremadura como de todo o Sudoeste peninsular (questão já debatida em Gonçalves *et al.*, 2014; Andrade, 2015b). A própria figuração oculada (não raiada, refira-se) é igualmente original, formada pela oposição de faixas em segmento de círculo. Paralelos iconográficos directos para este exemplar encontram-se nas placas de Buraca da Moura da Rexaldia (Andrade *et al.*, 2010), Vila Nova de São Pedro (Jalhay e Paço,

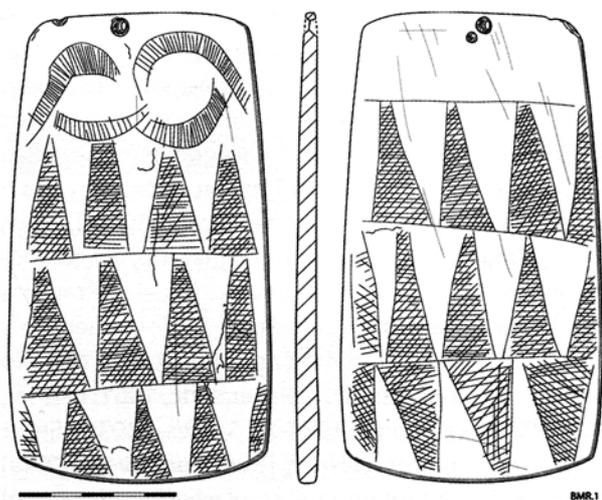


Figura 27: A placa de xisto gravada BMR.1 da gruta natural da Buraca da Moura da Rexaldia, paralela directa para a placa MNA 2003.168.162 da necrópole das Lapas, manifestando a mesma gramática decorativa (excluindo a área da Cabeça no verso, apresentando-se lisa).

1945) e de Brissos 6 (Correira, 1921) – respectivamente uma gruta natural, um povoado fortificado e um monumento ortostático (os dois primeiros na Estremadura, o último no Alentejo). O conceito estruturante de qualquer uma destas placas é definitivamente o mesmo, a nível da figuração oculada e da composição da decoração do Corpo, estando igualmente gravadas no Verso com bandas de triângulos preenchidos (não perceptível no exemplar de Vila Nova de São Pedro). As semelhanças entre estes exemplares e a coincidência dos motivos decorativos não podem ser explicadas pelo simples acaso. Refira-se ainda a variante deste motivo iconográfico na placa da gruta da Marmota, na qual o motivo oculado está representado apenas pelas arcadas superiores (Gonçalves *et al.*, 2014).

Quanto à placa de grés MNA 2003.168.137, apesar

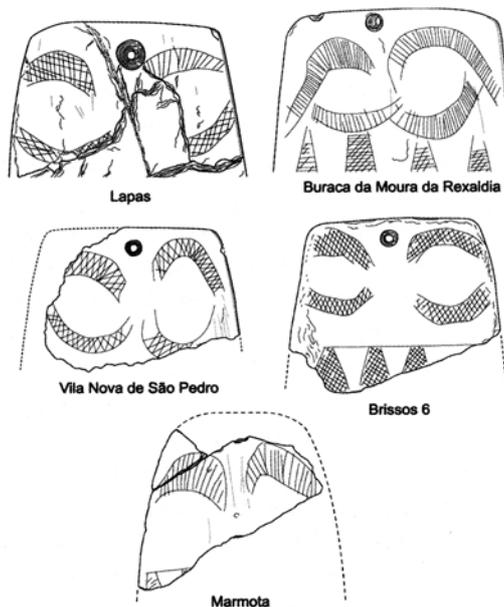


Figura 28: Comparação da composição oculada das placas de xisto gravadas da necrópole das Lapas, da gruta da Buraca da Moura da Rexaldia, do povoado de Vila Nova de São Pedro e da anta de Brissos 6. Uma variante deste motivo é demonstrada pela placa da gruta da Marmota.

de se poder considerar como um item exótico, característico das culturas megalíticas alto-alentejanas (sendo extremamente frequentes no grupo de Crato-Nisa, entre exemplares lisos e exemplares esculpido), estes elementos são aparentemente omnipresentes no contexto megalítico estremenho, tanto em grutas naturais, grutas artificiais e monumentos ortostáticos. Tratar-se-á apenas do reforço da evidência das relações Estremadura-Alentejo durante o Neolítico final e Calcolítico, especialmente evidente na presença, na gruta da Marmota, de placas de grés lisas de contorno hiperbolóide e placas de grés gravadas com linhas zigzagueantes horizontais, motivo por vezes presente no verso das placas de grés esculpidas com figuração antropomórfica alto-alentejanas.

A presença de placas de xisto gravadas em contextos

de gruta artificial da Estremadura portuguesa foi já debatida em outros locais, nomeadamente a respeito da sua presença nos monumentos de São Paulo, Carenque e Baútas (cf. Gonçalves *et al.*, 2004a; 2004b). Neste âmbito, foram avançadas várias observações pertinentes a respeito do lugar das placas de xisto gravadas no contexto das utilizações funerárias de grutas artificiais da área estremenha.

Relativamente a São Paulo 2, a sua primeira utilização encontra evidências directas no denominado “Enterramento A”, caracterizado por um conjunto de ossos humanos com alguma conexão anatómica; nenhuma placa de xisto gravada foi encontrada associada a esta deposição, estando contudo acompanhada por uma pequena taça carenada crono-culturalmente equiparável. No caso da necrópole de Carenque, as placas de xisto gravadas (e placas de grés) encontravam-se no espaço do Corredor ou na área de transição deste para a Câmara – podendo tal facto indicar que se tratariam de inumações realizadas originalmente no Corredor dado que a Câmara estaria já completa por enterramentos anteriores (sem placas de xisto) ou, em alternativa, que se encontrariam já em posição secundária afastadas da sua posição original pelos re-utilizadores campaniformes dos monumentos no último quartel do 3º milénio a.n.e.

Lembremos, neste sentido, a ausência de placas de xisto gravadas nas grutas artificiais de São Pedro do Estoril, e no caso concreto da gruta 2 (em que os depósitos votivos originais se caracterizam genericamente por artefactos de pedra polida e escassa cerâmica) o abatimento do tecto da gruta permitiu selar as primeiras utilizações (Leisner *et al.*, 1964; Gonçalves, 2003; 2005). Seja como for, lembremos que as placas de xisto gravadas são aqui um “sagrado exógeno”, num universo mágico-simbólico em que dominam claramente os artefactos votivos de calcário (Gonçalves, 2003).

No entanto, não poderemos deixar de considerar a sua presença, por vezes com um número razoável de elementos (contando tanto com placas de xisto como com placas de grés), noutros contextos hipogeicos do Sudoeste peninsular – destacando-se os casos de Cabeço da Arruda 1 com 15 exemplares (Ferreira e Trindade, 1954; 1956; Trindade e Ferreira, 1956; Leisner, 1965; conjunto em estudo pelo signatário, em colaboração com J. T. Thomas), Câmara Ocidental da Praia das Maças com 22 exemplares (Leisner, 1965; Leisner *et al.*, 1969), Casal do Pardo com >17 exemplares no conjunto dos quatro monumentos (Leisner *et al.*, 1961; Leisner, 1965; Pereira e Bubner, 1974-77; Soares, 2003), Aljezur com 23 exemplares (Leisner, 1965; Gonçalves, 2004a) e Monte Canelas 1 com 11 exemplares (Parreira, 2010)

Particularmente interessante é o caso de Cabeço da Arruda 1, não só pela singularidade iconográfica do conjunto (actualmente em estudo pelo signatário, em colaboração com J. T. Thomas) como também pelos dados fornecidos pelas datações absolutas e pelas análises de estrôncio entretanto conseguidas. Sinteticamente, estes dados (podendo ser teoricamente associáveis às placas de xisto gravadas aí recolhidas) colocam a utilização funerária deste contexto hipogeico entre 3300 e 2600 a.n.e., indicando as análises isotópicas que pelo menos uma pequena parte (10%) dos indivíduos aí depositados seria potencialmente originária do Alentejo (Silva, 2002; 2003; Lillios *et al.*, 2014).

Temos assim, pelo exposto, episódios de utilização de grutas artificiais no Sudoeste peninsular centrados entre os últimos séculos do 4º milénio e meados do 3º milénio a.n.e. No entanto, estes não corresponderão necessariamente aos primeiros, nem mesmo aos últimos episódios de utilização destes contextos funerários na área genérica do Sudoeste peninsular.

Como referido acima, as deposições originais efectuadas em São Pedro do Estoril 2 eram acompanhadas por espólio que se poderia considerar como “arcaico”,

Quadro 3 – Datações de radicarbono para grutas artificiais do Sudoeste peninsular (os contextos com placas de xisto gravadas encontram-se indicados a cinza, não estando as datações necessariamente em associação directa com estes elementos).

Sítio	Referência	Amostra	Idade BP	Cal. BC 2 σ *	Bibliografia
S. Pedro do Estoril 1	Beta-188390	Homo	4720 \pm 40	3634-3374	Gonçalves, 2005
Sobreira de Cima 3	Beta-231071	Homo	4670 \pm 50	3630-3357	Valera, 2013
Monte do Castelo	ICEN-738	Homo	4630 \pm 45	3624-3336	Cardoso e Soares, 1995
Sobreira de Cima 1	Wk-36004	Homo	4601 \pm 26	3498-3196	Valera, 2013
Sobreira de Cima 1	Wk-30006	Homo	4566 \pm 30	3491-3109	Valera, 2013
Sobreira de Cima 1	Sac-2260	Homo	4530 \pm 50	3482-3032	Valera, 2013
Sobreira de Cima 4	Sac-2256	Homo	4520 \pm 35	3359-3099	Valera, 2013
Sobreira de Cima 1	Sac-2261	Homo	4500 \pm 70	3481-2931	Valera, 2013
Monte Canelas 1	ICEN-1149	Carvão	4460 \pm 110	3497-2889	Parreira, 2010
Monte Canelas 1	OxA-5515	Homo	4420 \pm 60	3336-2911	Parreira, 2010
P. Maçãs (Câmara W)	OxA-5509	Alfinete de osso	4410 \pm 75	3338-2903	Cardoso e Soares, 1995
P. Maçãs (Câmara W)	OxA-5510	Alfinete de osso	4396 \pm 60	3331-2899	Cardoso e Soares, 1995
Cabeço da Arruda 1	Beta-123363	Homo	4370 \pm 70	3332-2883	Silva, 2002
Monte Canelas 1	OxA-5514	Homo	4370 \pm 60	3326-2888	Parreira, 2010
P. Maçãs (Câmara W)	H-2049/1467	Carvão	4260 \pm 60	3083-2666	Soares e Cabral, 1984
Cabeço da Arruda 1	Beta-132975	Homo	4240 \pm 50	2999-2635	Silva, 2002
Folha das Barradas	Beta-234135	Homo	4170 \pm 40	2886-2628	Boaventura, 2009
Alapraia 4	Beta-178461	Homo	4110 \pm 40	2871-2504	Gonçalves, 2005
S. Pedro do Estoril 2	Beta-188389	Homo	4090 \pm 40	2865-2493	Gonçalves, 2005
S. Pedro do Estoril 2	Beta-178465	Homo	4090 \pm 40	2865-2493	Gonçalves, 2005
Sobreira de Cima 5	Beta-232637	Homo	4080 \pm 40	2862-2489	Valera, 2013
Casal do Pardo 3	OxA-5508	Alfinete de osso	4050 \pm 60	2866-2465	Cardoso e Soares, 1995
Casal do Pardo (s.p.)	GrN-10744	Homo	4040 \pm 70	2872-2351	Cardoso e Soares, 1995
São Paulo 2	UBAR-629	Homo	3960 \pm 190	2920-1921	Silva, 2002
São Paulo 2	UBAR-630	Homo	3870 \pm 70	2562-2139	Silva, 2002
S. Pedro do Estoril 2	Beta-178466	Homo	3850 \pm 40	2460-2205	Gonçalves, 2005
S. Pedro do Estoril 1	Beta-178467	Homo	3830 \pm 40	2458-2148	Gonçalves, 2005
S. Pedro do Estoril 1	Beta-178468	Homo	3790 \pm 40	2401-2045	Gonçalves, 2005

* Datações recalibradas em 2013 com recurso à curva de calibração IntCal13.14c (Reimer et al. 2013, Radiocarbon 55(4) e ao programa Calib v7.0.1 (© M. Stuiver and P. J. Reimer, 2013); resultado 2 σ com probabilidade de 95,4%.

característico de etapas cronológicas centradas em meados do 4º milénio a.n.e., caracterizado por escassa e atípica cerâmica, artefactos de pedra polida (destacando-se os machados de secção circular), lâmina de sílex e furadores de osso (Leisner *et al.*, 1964; Gonçalves, 2003; 2005). Esta aparente antiguidade das grutas artificiais da área estremenha é igualmente sugerida por alguns elementos recolhidos nos vários monumentos da necrópole de Casal do Pardo, tal como um ou outro geométrico mais característicos ou os numerosos machados de secção circular – muito embora a sua posição estratigráfica dentro dos conjuntos não seja discernível (Leisner *et al.*, 1961; Soares, 2003).

Com efeito, e de acordo com dados recentes, a primeira utilização das grutas artificiais no contexto genérico do Sudoeste peninsular poderá efectivamente remontar à segunda metade do 4º milénio. Referem-se principalmente aos resultados obtidos com a escavação recente das realidades de Sobreira de Cima e Barrada (Valera, 2013; Barradas *et al.*, 2013), com espólios votivos compostos por braceletes, artefactos de pedra polida e geométricos, equiparando-se aos conjuntos votivos das inumações realizadas em grutas naturais e fundeadas no Neolítico médio. As datações conseguidas, particularmente para maioria dos contextos de Sobreira de Cima, permitem corroborar esta atribuição crono-cultural.

Outro monumento que se poderia considerar nesta etapa crono-cultural é o de Cerro das Cabeças, embora seja referido que, tendo em conta a sua pequena dimensão, não se trataria de um hipogeu, mas antes de uma sepultura de tipo fossa (Gomes e Paulo, 2003). No entanto, as características formais que apresenta (conservando parte da base e do arranque da cúpula) parecem corresponder efectivamente às de um hipogeu, ainda que de pequeno tamanho – para o que concorre igualmente a sua aparente profundidade em relação à topografia da bancada em que se encontra escavada. Lembremos, neste sentido, que o

monumento da Câmara Ocidental das Praia das Mações também apresenta uma exígua dimensão quando comparado com os seus congéneres estremenhos.

Assim, estes dados permitem colocar pelo menos parte das grutas artificiais do Sudoeste peninsular em etapas anteriores à utilização de placas de xisto gravadas nas práticas funerárias, e culturalmente equiparáveis à utilização funerária das grutas naturais do Maciço Calcário Estremenho durante o 4º milénio a.n.e.

Os seus últimos episódios de utilização (excluindo as utilizações da Idade do Bronze inicial/pleno registadas em Alapraia, por exemplo) são representados pela presença de cerâmicas campaniformes na maioria das grutas artificiais, datadas já da segunda metade do 3º milénio a.n.e., podendo-se mesmo fazer corresponder algumas, na sua construção e utilização original, a este período crono-cultural – como Valle de las Higueras, por exemplo (Bueno-Ramírez, 2005; 2007-2008) ou até Ermegeira (Heleno, 1942).

Regista-se, desta maneira, a transversalidade crono-cultural da utilização de grutas artificiais, estando representados três momentos evolutivos distintos: um primeiro, teoricamente atribuível a uma etapa terminal do Neolítico médio ou a uma etapa inicial do Neolítico final, centrado na segunda metade do 4º milénio a.n.e., compondo-se os mobiliários votivos por escassa ou inexistente cerâmica, artefactos de pedra polida, geométricos, pequenas lâminas, braceletes, furadores de osso; um segundo, enquadrável no Neolítico final e Calcolítico inicial, balizado entre os últimos séculos do 4º milénio e meados do 3º milénio a.n.e., com mobiliários votivos compostos pela associação de placas de xisto gravadas, placas de grés, artefactos votivos de calcário, cerâmica, alfinetes de ossos, peças foliáceas (pontas de seta e dardo, punhais, alabardas), lâminas retocadas; um terceiro, correspondendo ao Calcolítico pleno e final, imputável à segunda metade do 3º milénio a.n.e., apresentando mobiliários votivos

constituídos por cerâmica campaniforme, artefactos de cobre, elementos de adorno em ouro, botões em osso.

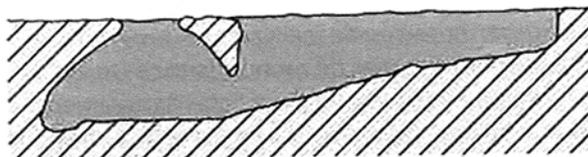
A “necrópole megalítica” das Lapas, tendo em conta as características morfo-tipológicas do espólio recolhido, enquadra-se sem reservas no segundo momento crono-cultural descrito, com datação relativa enquadrável entre os últimos séculos do 4º milénio e meados do 3º milénio a.n.e. – ratificada pelas datações absolutas de outros contextos semelhantes com placas de xisto gravadas.

Outro ponto a debater no caso da necrópole das Lapas é precisamente a sua posição geográfica. Como dito, trata-se da manifestação mais setentrional deste tipo de monumentos reconhecida até ao momento em território português, devendo ser lida em conjunto com as grutas artificiais da Ribeira Branca e do Convento do Carmo (distando ambos núcleos cerca de 2 km das Lapas). A este grupo poderiam ser associados outros monumentos, já geograficamente distantes mas ainda incluídos na área regional da Alta Estremadura, tais como Ribeira de Crastos (Ferreira *et al.*, 1977; Jordão e Mendes, 2000) e Lapa do Saldanha (referida como gruta artificial em Harrison, 1977, mencionando-se posteriormente que este “monumento” não apresenta vestígios de afeiçoamento antrópico em Carreira e Cardoso, 1990).

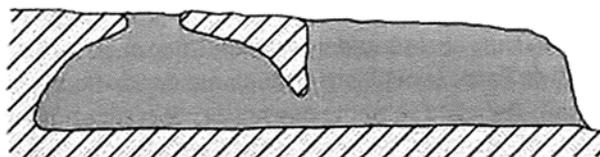
Em relação às suas características morfológicas específicas, várias questões são igualmente de salientar. Em primeiro lugar, o aparente agrupamento de vários monumentos – facto reconhecível pela identificação de Lapas 2, 3 e 4, para não referir já a extrema proximidade de Ribeira Branca e Convento do Carmo acima referida.

Salvo raras excepções (que o são possivelmente por razões de carência de investigação), as grutas artificiais da área estremenha (e, em termos gerais, do Sudoeste peninsular) parecem agrupar-se formando núcleos bem circunscritos, notando-se «uma curiosa tendência para o agrupamento de entidades indivi-

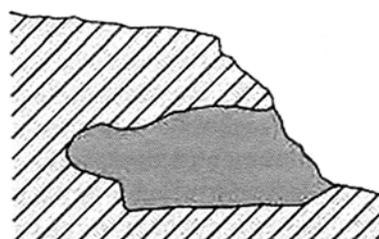
Afloramento aplanado



Bancada baixa



Bancada Alta



Encosta



Figura 29: Variabilidade da implantação geomorfo-topográfica das grutas artificiais da área estremenha (adaptado de Jordão e Mendes, 2006-2007, p. 50, fig. 2).

duais em necrópoles mais ou menos organizadas» (Gonçalves, 2009b, p. 239) – não chegando contudo ao extremo da necrópole malaguenha de Alcaide, com cerca de duas dezenas de monumentos associados.

Os monumentos que formam estes agrupamentos, tendo em conta os exemplos de Carenque, Alapraia e Casal do Pardo apresentam-se, de acordo com os dados disponíveis actualmente, como contextos cronoculturalmente uniformes. Ressalva-se contudo os dados acima apresentados, em específico em relação a Casal do Pardo (e evidente no conjunto de São Pedro do Estoril). Refira-se somente que novas utilizações muitas vezes implicam a “limpeza” de utilizações anteriores, por vezes obliterando os contextos estratigráficos antecedentes – pelo que não é possível definir em rigor o diagrama cronológico de construção (e não de utilização, clarifique-se) destes monumentos.

No entanto, outros conjuntos se destacam a nível da diacronia de construção e utilização dos seus componentes. O conjunto dos monumentos de Barrada e Aljezur é precisamente revelador desta circunstância, o primeiro com espólio composto por artefactos de pedra polida, geométricos, lâminas não retocadas e braceletes (Barradas *et al.*, 2013) e o segundo com placas de xisto gravadas, pontas foliáceas e lâminas retocadas (Leisner, 1965; Gonçalves, 2004a). No entanto, nada obsta a que o grosso da informação relativa a Aljezur não corresponda necessariamente à sua primeira utilização, invocando as acções de “limpeza” acima mencionadas. Da mesma maneira, o conjunto de Sobreira de Cima permitiu datações absolutas directas sobre ossos humanos que estendem as utilizações dos vários monumentos entre a primeira metade do 4º milénio e a primeira metade do 3º milénio a.n.e. (Valera, 2013).

Em relação às suas características “arquitectónicas” específicas, pouco se poderá dizer – tendo em conta o débil estado de preservação em que os monumentos das Lapas foram já identificados. Em Lapas 1 foram reconhecidas, como referido acima, várias estruturas

escavadas nos calcários brandos, designados como “covachos”, assim como uma estrutura indeterminada de contorno sensivelmente circular de largo diâmetro, podendo corresponder à base de uma gruta artificial. De Lapas 2, subsistindo somente parte da base e do arranque da cúpula, percebe-se optimistamente a sua tendência circular. Já Lapas 3 e 4 apresentam-se como amplos espaços de contorno circular, escavados na bancada calcária, não estando contudo conservadas as áreas de acesso a estas salas.

Alargando o esquema redutor de E. Rivero Galán, em que se distinguem apenas monumentos com Corredor, monumentos sem Corredor, monumentos mistos (associando Câmaras negativas a acessos ortostáticos) e monumentos indeterminados (Rivero Galán, 1988), P. Jordão e P. Mendes sugerem quatro tipos genéricos para as grutas artificiais da Estremadura portuguesa (Jordão e Mendes, 2006-2007, p. 49): Câmara com clarabóia e Corredor (Tipo 1); Câmara única (Tipo 2); Câmara e Corredor (Tipo 3); duas Câmaras (Tipo 4).

Apresentam igualmente quatro tipos de implantação distintos (Jordão e Mendes, 2006-2007, p. 50): em afloramento aplanado; em bancada baixa; em bancada alta; em encosta.

No entanto, reformulando o esquema de P. Jordão e P. Mendes (atendendo a que a presença ou ausência de Corredor poderá dever-se somente a estados de preservação diferencial, assim como aquilo que é designado como “Câmara dupla” se tratará somente de nichos anexos à Câmara principal), poder-se-á propor apenas três tipos para o contexto genérico do Sudoeste peninsular, curiosamente com coincidência nas diversas áreas regionais em que se documentam. Assim, propõe-se:

1. Grutas artificiais implantadas em bancada, de Câmara circular, com ou sem Corredor de acesso, como Lapas, Ribeira Branca, Ribeira de Crastos e Quinta das Lapas, distribuídas pelo contexto geográfico da Alta Estremadura;

2. Grutas artificiais de Câmara circular com clara-bóia e Corredor de acesso (tipo “coelheira”, segundo Gonçalves, 2003), como Alapraia, Carenque e Casal do Pardo, distribuídas pelo contexto geográfico das penínsulas de Lisboa e Setúbal;

3. Grutas artificiais de Câmara semi-circular, com antecâmara por vezes de acesso vertical, como Sobreira de Cima, Monte Canelas e Barrada, distribuídas pelo contexto geográfico do baixo Alentejo e Algarve.

O conjunto das Lapas incluir-se-á assim no grupo dos monumentos do Tipo 1, correspondendo a monumentos implantadas em bancada alta ou encosta (Lapas 2 a 4) e possivelmente em bancada baixa (Lapas 1), de Câmara circular, com ou sem Corredor de acesso (não perceptível pelas deficientes condições de preservação dos contextos). Esta assumpção tem essencialmente em conta os paralelos reconhecidos na sua área regional, como Ribeira de Crastos, Quinta da Lapas e Casal da Lapa.

Perspectivando um esquema de análise de amplitude absoluta, seria obviamente necessário conhecer o povoado (ou povoados) a que corresponderiam não só o conjunto de grutas artificiais de Ribeira Branca-Lapas-Convento do Carmo, mas também outras importantes necrópoles em gruta natural crono-culturalmente coevas como Lapa da Galinha, Lapa da Bugalheira e Buraca da Moura da Rexaldia – definindo assim o seu possível contexto sociocultural, a nível dos sistemas de povoamento em que se encontrariam incluídas e as consequentes estratégias de exploração do território. Neste âmbito, a área de Torres Novas assume-se como de relativa importância na clara definição dos diversos patamares de utilização do espaço durante o Neolítico final e o Calcolítico na Estremadura portuguesa, teoricamente lida em duas dimensões particulares.

Na dimensão local, esta caracteriza-se como uma região onde se conjugam dois eco-sistemas distintos, situando-se na charneira (fisicamente estabelecida pelo *Arrife*) entre os campos agricultáveis correspondentes às bacias hidrográficas do Almonda e Alvorão e

as áreas de caça e pastoreio das encostas da Serra de Aire, esboçando desta maneira (e pelo menos a nível teórico) esquemas específicos de ocupação/utilização do espaço. Na dimensão regional, situa-se na confluência das aparentes “rotas” de circulação das rochas siliciosas das áreas de Rio Maior e Ourém (evidente, como visto acima, na origem geológica do conjunto lítico talhado das Lapas), podendo ser assumida como “plataforma giratória” para o seu encaminhamento para a margem esquerda do Tejo, tendo em conta a ainda considerável extensão do paleo-estuário do Tejo em cerca de 3000 a.n.e., encontrando-se travessia mais facilitada na área Golegã-Chamusca.

No entanto, são escassos e incaracterísticos os povoados reconhecidos nesta área, caracterizados principalmente por recolhas de superfície. Para além dos níveis atribuíveis ao Neolítico final identificados no Abrigo da Pena d’Água e Costa do Pereiro (Carvalho, 1998; 2008), os restantes elementos dificilmente se poderão definir rigorosamente em termos crono-culturais. Serão de referir, entre outros, os sítios de Castelo Velho, São Domingos e Fonte Santa 2, ou, mais afastados, os sítios de Fungalvaz, Lagoa do Furadouro e Casal da Pena (Araújo e Zilhão, 1991) – sendo que São Domingos e Fungalvaz serão potencialmente fortificados (ainda que o último registe igualmente ocupações da Idade do Ferro a que poderá corresponder a sua fortificação). Refira-se igualmente a identificação de materiais neo-calcolíticos na extrema W do cemitério de Torres Novas junto à Avenida 8 de Julho e a potencial ocupação calcolítica na área do castelo (informação pessoal de Pedro Souto).

Desta maneira, e reafirmando a importância do contexto da “necrópole megalítica” das Lapas (lida, neste estudo particular, a nível das suas placas votivas), espera-se que novas linhas de investigação venham trazer alguma luz sobre as problemáticas acima enunciadas.

Torres Novas, Outono de 2012, revisto e actualizado em Janeiro de 2015.

- _ ALMEIDA, F.; FERREIRA, O. V. (1959a) – Antiguidades de Torres Novas. II Parte. Estação pré-histórica das Lapas. *Revista de Guimarães*. 69: 3-4, p. 501-510.
- _ ALMEIDA, F.; FERREIRA, O. V. (1959b) – Os vasos de boca elíptica do Museu de Torres Novas. In *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia*. Lisboa. 1, p. 231-234.
- _ ANDRADE, M. A. (2009) – *Megalitismo e comunidades megalíticas na área da Ribeira Grande (Alto Alentejo): definição e caracterização do fenómeno de “megalitização” da paisagem na área austral do Norte alentejano*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, policopiado.
- _ ANDRADE, M. A. (2015a) – As placas de xisto gravadas da anta da Herdade da Lameira (Alto Alentejo, Portugal). *O Arqueólogo Português*. 5ª série, p. 177-201.
- _ ANDRADE, M. A. (2015) – *Cherchez la femme!* Iconografia e imagética nas placas de xisto gravadas do Megalitismo da Península Ibérica. In *XIX International Rock Art Conference – IFRAO 2015. Symbols in the Landscape: Rock Art and its Context*. [no prelo].
- _ ANDRADE, M. A. (em preparação a) – As placas de xisto gravadas (e o báculo) da anta de Brissos 6 (Brotas – Pavia, Mora).
- _ ANDRADE, M. A. (em preparação b) – Intervenções de Manuel de Mattos Silva no Megalitismo da área de Avis. 2: a anta da Capela (Valongo).
- _ ANDRADE, M. A. (em preparação c) – Intervenções de Manuel de Mattos Silva no Megalitismo da área de Avis. 3: a “Anta Grande” da Ordem (Maranhão).
- _ ANDRADE, M. A. (em preparação d) – Contributo para a definição das práticas funerárias neolíticas e calcolíticas no Maciço Calcário Estremenho. 3: o espólio arqueológico da “anta” de Fonte Moreira (Alcanena).
- _ ANDRADE, M. A.; LOPES, G.; VILELA, C. (2014) – O sítio calcolítico de Cabeço dos Mouros: identificação de uma nova oficina de talhe de pontas de seta na área de Arruda dos Pisões (Rio Maior, Portugal). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 17, p. 113-126.
- _ ANDRADE, M. A.; MATIAS, H. (2013) – Lithic raw material procurement and consumption during the Late Neolithic/Early Chalcolithic: the case of Casal dos Matos and Cabeça Gorda 1 (Vila Nova de Ourém, Estremadura, Portugal). *Complutum*. 24: 1, p. 91-111.
- _ ANDRADE, M. A.; MAURÍCIO, J.; SOUTO, P. (2010) – Contributo para a definição das práticas funerárias neolíticas e calcolíticas no Maciço Calcário Estremenho. 1: Estudo morfo-tipológico de duas placas de xisto gravadas provenientes da gruta da Buraca da Moura da Rexaldia (Chancelaria, Torres Novas). *Nova Augusta*. 2ª série, 22, p. 239-259.
- _ ANDRADE, M. A.; THOMAS, J. T. (em preparação) – Echoes from the inland: the votive plaques of the artificial cave of Cabeço da Arruda 1 (Torres Vedras, Estremadura, Portugal).
- _ ARAÚJO, A. C.; LEJEUNE, M. (1995) – *Gruta do Escoural: necrópole neolítica e arte rupestre paleolítica*. Lisboa: IPPAR (Trabalhos de Arqueologia, 8).
- _ ARAÚJO, A. C.; ZILHÃO, J. (1991) – *Arqueologia do Parque Natural das Serras de Aire e Candeeiros*. Lisboa: Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza (Estudos, 8).
- _ AUBRY, Th.; MANGADO LLACH, J.; MATIAS, H. (2014) – Matérias-primas das ferramentas de pedra lascada da Pré-História do Centro e Nordeste de Portugal. In DINIS, P. A.; GOMES, A.; MONTEIRO-RODRIGUES, S. (eds.) – *Proveniências de Materiais Geológicos: abordagens sobre o Quaternário de Portugal*. Braga: Associação Portuguesa para o Estudo do Quaternário, p. 165-192.
- _ BARRADAS, E.; SILVÉRIO, S.; SILVA, M. J. D.; SANTOS, C. (2013) – O hipogeu da Barrada: um monumento funerário do Neolítico final/Calcolítico inicial em Aljezur. In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A.; NEVES, C. (coords.) – *Arqueologia em Portugal: 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 407-415

- _ BOAVENTURA, R. (2009) – *As antas e o Megalitismo da região de Lisboa*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras de Universidade de Lisboa, policopiado.
- _ BOAVENTURA, R.; MATALOTO, R. (2013) – Entre mortos e vivos: nótulas acerca da cronologia absoluta do Megalitismo do Sul de Portugal. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 16, p. 81-101.
- _ BUENO RAMÍREZ, P.; BARROSO BERMEJO, R.; BALBÍN BEHRMANN, R. (2005) – Ritual campaniforme, ritual colectivo: la necrópolis de cuevas artificiales del Valle de las Higueras, Huecas, Toledo. *Trabajos de Prehistoria*. 62: 2, p. 67-90.
- _ BUENO RAMÍREZ, P.; BARROSO BERMEJO, R.; BALBÍN BEHRMANN, R. (2007-2008) – Campaniforme en las construcciones hipogeas del Megalitismo reciente al interior de la Península Ibérica. *Veleia*. 24-25, p. 771-790.
- _ CARDOSO, J. L. (1992) – A Lapa do Bugio. *Setúbal Arqueológica*. 9-10, p. 89-225.
- _ CARDOSO, J. L.; CARVALHO, A. F. (2008) – A gruta do Lugar do Canto (Alcanede) e a sua importância no faseamento do Neolítico no território português. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 16, p. 269-300.
- _ CARDOSO, J. L.; FERREIRA, O. V.; CARREIRA, J. R. (1996) – O espólio arqueológico das grutas naturais da Senhora da Luz (Rio Maior). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 6, p. 195-256.
- _ CARDOSO, J. L.; FERREIRA, O. V.; ZBYSZEWSKI, G.; LEITÃO, M.; NORTH, C. T.; NORTON, J.; BERGER, F. (2003) – A gruta do Correio-Mor (Loures). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 11, p. 229-321.
- _ CARDOSO, J. L., SOARES, A. M. (1995) – Sobre a cronologia absoluta das grutas artificiais da Estremadura portuguesa. *Al-madan*. 2ª série, 4, p.10-13.
- _ CARREIRA J. R. (1996) – A necrópole megalítica das Lapas (Torres Novas). *Nova Augusta*. 2ª série, 10, p. 51-90
- _ CARREIRA, J. R.; CARDOSO, J. L. (1990) – O espólio arqueológico da Lapa do Saldanha – Pernes. *Comunicações do Serviços Geológicos de Portugal*. 76, p. 163-166.
- _ CARREIRA, J. R.; CARDOSO, J. L. (2001-2002) – A gruta da Casa da Moura (Cesareda, Óbidos) e sua ocupação pós-paleolítica. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 10, p. 249-361.
- _ CARVALHO, A. F. (1998) – O Abrigo da Pena d'Água (Rexaldia, Torres Novas): resultados dos trabalhos de 1992-1997. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 1: 2, p. 39-72.
- _ CARVALHO, A. F. (2008) – *A Neolitização do Portugal Meridional. Os exemplos do Maciço Calcário estremenho e do Algarve Ocidental*. Faro: Universidade do Algarve (Promontoria Monográfica, 12).
- _ CARVALHO, A. F. (2014) – *Bom Santo Cave (Lisbon) and the Middle Neolithic Societies os Southern Portugal*. Faro: Universidade do Algarve (Promontoria Monográfica, 17).
- _ CARVALHO, A. F.; ANTUNES-FERREIRA, N.; VALENTE, M. J. (2003) – A gruta-necrópole neolítica do Algar do Barrão (Montanto, Alcanena). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 6: 1, p. 101-109.
- _ CARVALHO, A. F.; CARDOSO, J. L. (2015) – Insights on the changing dynamics of cemetery use in the Neolithic and Chalcolithic of Southern Portugal. Radiocarbon dating of Lugar do Canto cave (Santarém). *SPAL. Revista de Prehistoria y Arqueologia*. 24, p. 35-53.
- _ CARVALHO, A. F.; GONÇALVES, D.; GRANJA, R.; PETCHEY, F. (2012) – Algar do Bom Santo: a Middle Neolithic necropolis in Portuguese Estremadura. In GIBAJA, Juan Francisco; CARVALHO, A. F.; CHAMBON, Ph. (eds.) – *Funerary Practices in the Iberian Peninsula from the Mesolithic to the Chalcolithic* Oxford: Archeopress (BAR S2417), p. 77-90.
- _ CARVALHO, A. F.; JACINTO, M. J.; DUARTE, C.; MAURÍCIO, J.; SOUTO, P. (2000) – Lapa dos Namorados (Pedrógão, Torres Novas): estudo dos materiais arqueológicos. *Nova Augusta*. 12, p. 151-172.
- _ CORREIA, V. (1921) – *El Neolítico de Pavia (Alentejo, Portugal)*. Madrid: Museo Nacional de Ciencias Naturales (edição fac-similada, 1999).
- _ DUARTE, C. (1998) – Necrópole neolítica do Algar do Bom Santo: contexto cronológico e espaço funerário. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 1: 2, p. 107-118.

- _ FERREIRA, O. V. (1970) – As grutas artificiais da Quinta das Lapas (Torres Vedras). *Boletim Cultural da Junta Distrital de Lisboa*. 3ª série, 73-74, p. 177-187.
- _ FERREIRA, O. V.; NORTH, C. T.; LEITÃO, M. (1977) – O espólio arqueológico das grutas de Ribeira de Crastos (Caldas da Rainha). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. 61, p. 5-11.
- _ FERREIRA, O. V.; TRINDADE, L. (1954) – Objectos da necrópole do Cabeço da Arruda. *Zephyrus*. 5, p. 29-35.
- _ FERREIRA, O. V.; TRINDADE, L. (1956) – La nécropole de Cabeça da Arruda (Torres Vedras). *Congreso Internacional de Ciências Prehistoricas e Protohistoricas, Actas de la IV Sesión*. Zaragoza, p. 503-520.
- _ FORENBAHER, S. (1999) – *Production and Exchange of Bifacial Flaked Stone Artifacts during the Portuguese Chalcolithic*. Oxford: Archaeopress (BAR International Series, 756).
- _ GENESTE, J.-M. (1985) – *Analyse lithique d'industries Moustériennes du Périgord: une approche technologique du comportement des groupes humains au Paléolithique Moyen*. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia apresentada à Universidade de Bordéus 1.
- _ GENESTE, J.-M. (1991) – L’approvisionnement en matières premières dans les systèmes de production lithique: la dimension spatiale de la technologie. *Treballs d'Arqueologia*. 1, p. 1-36.
- _ GOMES, M. V.; PAULO, L. C. (2003) – Sepultura neolítica do Cerro das Cabeças (Enxerim, Silves, Portugal). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 6: 2, p. 83-107.
- _ GONÇALVES, J. L. M. (1990-92) – As grutas da serra de Montejunto (Cadaval). *O Arqueólogo Português*. 4ª série, 8/10, p. 41-201.
- _ GONÇALVES, J. L. M. (1992) – Grutas artificiais da Quinta das Lapas (Monte Redondo, Torres Vedras). *Setúbal Arqueológica*. 9-10, p. 247-276.
- _ GONÇALVES, V. S. (1978a) – Para um programa de estudo do Neolítico em Portugal. *Zephyrus*. 28-29, p. 147-162.
- _ GONÇALVES, V. S. (1978b) – *A neolitização e o megalitismo da região de Alcobaça*. Lisboa: Secretaria de Estado da Cultura.
- _ GONÇALVES, V. S. (1989) – Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente peninsular. 1: Deusa(s) Mãe, placas de xisto e cronologias: uma nota preambular. *Almansor*. 7, p. 289-302.
- _ GONÇALVES, V. S. (1993) – Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular. 3: A Deusa dos Olhos de Sol, um primeiro olhar. *Revista da Faculdade de Letras*. 5ª série, 15, p. 9-15.
- _ GONÇALVES, V. S. (2003) – *Sítios, "Horizontes" e Artefactos. Leituras críticas de realidades perdidas*. 2ª edição. Cascais: Câmara Municipal.
- _ GONÇALVES, V. S. (2004a) – As placas de xisto gravadas dos sepulcros colectivos de Aljezur (3º milénio a.n.e). *O Arqueólogo Português*. 4ª série, 22, p. 163-318.
- _ GONÇALVES, V. S. (2004b) – Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente peninsular. 5: O explícito e o implícito. Breve dissertação invocando os limites fluidos do figurativo, a propósito do significado das placas de xisto gravadas do terceiro milénio a.n.e. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 7: 1, p. 165-183.
- _ GONÇALVES, V. S. (2005) – Cascais há 5000 anos. Tempos, símbolos e espaços da morte das antigas sociedades camponesas. In GONÇALVES, V. S. (ed.) – *Cascais há 5000 anos*. Cascais: Câmara Municipal.
- _ GONÇALVES, V. S. (2006) – Quelques questions autour du temps, de l'espace et des symboles mégalithiques du Centre et du Sud du Portugal. In JOUSSAUME, R.; LAPORTE, L.; SCARRE, Ch. (eds.) – *Origine et développement du mégalithisme de l'ouest de l'Europe*. Bougon: Conseil Général de Deux Sèvres, p. 485-510.
- _ GONÇALVES, V. S. (2009a) – *As ocupações pré-históricas das Furnas do Poço Velho (Cascais)*. Cascais: Câmara Municipal.
- _ GONÇALVES, V. S. (2009b) – Construir para os mortos. Grutas artificiais e antas na península de Lisboa. Algumas leituras prévias. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 17, p. 237-260.
- _ GONÇALVES, V. S. (2011) – *As placas de xisto gravadas (e os báculos) do sítio do Monte da Barca (Coruche)*. Lisboa: UNIARQ (Cadernos da UNIARQ, 7).

- GONÇALVES, V. S.; ANDRADE, M.; PEREIRA, A. (2004a) – As placas de xisto gravadas da gruta artificial S. Paulo 2 (Almada). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 7: 2, p. 73-96.
- GONÇALVES, V. S.; ANDRADE, M.; PEREIRA, A. (2004b) – As placas de xisto gravadas das grutas artificiais do Tojal de Vila Chã, Carenque e da necrópole das Baútas (Mina, Amadora). *O Arqueólogo Português*. 4ª série, 22, p. 113-162.
- GONÇALVES, V. S.; ANDRADE, M. A.; PEREIRA, A. (2014) – As placas votivas (e o báculo) da Lapa da Galinha, no 3º milénio a.n.e. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 21, p. 129-158.
- GONÇALVES, V. S.; PEREIRA, A. R. (1974-77) – Considerações sobre o espólio neolítico da Gruta dos Carrascos (Monsanto, Alcanena). *O Arqueólogo Português*. 3ª série, 7-9, p. 49-87.
- GONÇALVES, V. S.; PEREIRA, A.; ANDRADE, M. (2003) – A propósito do reaproveitamento de algumas placas de xisto gravadas da região de Évora. *O Arqueólogo Português*. 4ª série, 21, p. 209-244.
- GONÇALVES, V. S.; SOUSA, A. C. (2010) – O povoado do Estoril, os seus furadores de sílex e os seus tempos. In GONÇALVES, V. S.; SOUSA, A. C. (eds.) – *Transformação e Mudança no Centro e Sul de Portugal: o 4.º e o 3.º milénios a.n.e.* Cascais: Câmara Municipal (Cascais Tempos Antigos, 2), p. 155-222.
- HARRISON, R. J. (1977) – *The Bell Beaker Cultures of Spain and Portugal*. Cambridge/ Massachusetts: Peabody Museum of Archeology and Ethnology.
- HELENO, M. (1933) – *Grutas artificiais do Tojal de Vila Chã (Carenque)*. Lisboa: Tipografia da Empresa do Anuário Comercial.
- HELENO, M. (1942) – Gruta artificial da Ermegeira. *Ethnos*. 2, p. 449-459.
- JALHAY, E.; PAÇO, A. (1941) – A gruta II da necrópole de Alapraia. *Anais da Academia Portuguesa de História*. Lisboa. 4.
- JALHAY, E.; PAÇO, A. (1945) – El castro de Vilanova de San Pedro. *Actas y Memorias de la Sociedad Española de Antropología: Etnografía y Prehistoria*. 20, p. 55-141.
- JORDÃO, P.; MENDES, P. (2000) – As grutas de Ribeira de Crastos (Caldas da Rainha): reinterpretação de um sítio. *O Arqueólogo Português*. 4ª série, 18, p. 11-60.
- JORDÃO, P.; MENDES, P. (2006-2007) – As grutas artificiais da Estremadura portuguesa: uma leitura crítica das arquiteturas. *Arqueologia & História*. 58-59, p. 43-78.
- LEISNER, G.; LEISNER, V. (1959) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel: der Westen*. Berlin: Walther de Gruyter & Co. 1: 2.
- LEISNER, V. (1965) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel: der Westen*. Berlin: Walther de Gruyter & Co. 1: 3.
- LEISNER, V.; PAÇO, A.; RIBEIRO, L. (1964) – *Grutas artificiais de São Pedro do Estoril*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- LEISNER, V.; ZBYSZEWSKI, G.; FERREIRA, O. V. (1961) – *Les grottes artificielles de Casal do Pardo (Palmela) et la culture du vase campaniforme*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal (Memórias 8, nova série).
- LEISNER, V.; ZBYSZEWSKI, G.; FERREIRA, O. V. (1969) – *Les monuments préhistoriques de Praia das Maças et de Casainhos*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal (Memórias 16, nova série).
- LEITÃO, M.; NORTH, C. T.; NORTON, J.; FERREIRA, O. V.; ZBYSZEWSKI, G. (1987) – A gruta pré-histórica do Lugar do Canto, Valverde (Alcanede). *O Arqueólogo Português*. 4ª série, 5, p. 37-66.
- LILLIOS, K. (2008) – *Heraldy for the Dead: Memory, Identity and the Engraved Stone Plaques of Neolithic Iberia*. Texas University Press.
- LILLIOS, K. (2010) – Mnemonic practices of the Iberian Neolithic: The production and use of the engraved slate plaque-relics. In LILLIOS, K.; TSAMIS, V. (eds.) – *Material Mnemonics. Everyday Memory in Prehistoric Europe*. Oxbow Books, p. 40-72.
- LILLIOS, K.; ARTZ, J. A.; WATERMAN, A. J.; MACK, J.; THOMAS, J. T.; TRINDADE, L.; LUNA, I. (2014) – The rock-cult tomb of Bolores (Torres Vedras): an interdisciplinary approach to understanding the social landscape of the Neolithic/Copper Age of the Iberian Peninsula. *Trabajos de Prehistoria*. 71: 2, p. 282-304.

- MACHADO, J. L. S. (1964) – Subsídios para a História do Museu Etnológico do D.or Leite de Vasconcelos. *O Arqueólogo Português*. 2ª série, 5, p. 51-448.
- MARTINS, A. F. (1949) – *Maciço Calcário Estremenho: contribuição para um estudo de Geografia Física*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- MATIAS, H. (2012) – *O aprovisionamento de matérias-primas líticas na gruta da Oliveira (Torres Novas)*. Dissertação de Mestrado em Geo-Arqueologia apresentada à Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, policopiado.
- PAÇO, A. (1955) – Necrópole de Alapraia. *Anais da Academia Portuguesa de História*. 2ª série, 6, p. 21-140.
- PAÇO, A.; ZBYSZEWSKI, G.; FERREIRA, O. V. (1971) – Resultados das escavações na Lapa da Bugalheira (Torres Novas). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. 55, p. 23-47.
- PARREIRA, R. (2010) – As placas de xisto gravadas do Hipogeu I de Monte Canelas (Alcalar). In GONÇALVES, V. S.; SOUSA, A. C. (eds.) – *Transformação e Mudança no Centro e Sul de Portugal: o 4.º e o 3.º milénios a.n.e.* Cascais: Câmara Municipal (Cascais Tempos Antigos, 2), p. 399-419.
- PEREIRA, M. A. H.; BUBNER, Th. (1974-77) – Novos materiais de Palmela. *O Arqueólogo Português*. 3ª série, 7-9, p. 113-124.
- RIVERO GÁLÁN, E. (1988) – *Análisis de las cuevas artificiales en Andalucía y Portugal*. Sevilha: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Sevilla.
- SÁ, M. C. M. (1959) – A Lapa da Galinha. *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura. 1, p. 117-128.
- SCHUHMACHER, Th. X.; CARDOSO, J. L.; BANERJEE, A. (2009) – Sourcing African ivory in Chalcolithic Portugal. *Antiquity*. 83, p. 983-997.
- SERRÃO, E. C.; MARQUES, G. (1971) – Estrato pré-campaniforme da Lapa do Fumo (Sesimbra). *Actas e Memórias do II Congresso Nacional de Arqueologia*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura. 1, p. 121-142.
- SILVA, A. M. (2002) – *Antropologia funerária e paleobiologia das populações portuguesas (litorais) do Neolítico final/Calcolítico*. Dissertação de Doutoramento Apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.
- SILVA, A. M. (2003) – Portuguese populations of Late Neolithic and Chalcolithic periods exhumed from collective burials: an overview. *Anthropologie*. 41: 1-2, p. 55-64.
- SOARES, A. M. ; CABRAL, J. M. P. (1984) – Datas convencionais de radiocarbono para estações arqueológicas portuguesas e a sua calibração: revisão crítica. *O Arqueólogo Português*. 4ª série, 2, p. 167-214.
- SOARES, J. (2003) – *Os hipogeus pré-históricos da Quinta do Anjo (Palmela) e as economias do sagrado*. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/Assembleia Distrital de Setúbal.
- SOUSA, A. C. (2004) – A necrópole do Neolítico final de Pragais, Porto de Mós: velhos dados, novas leituras. *Arqueologia: colecções de Francisco Tavares Proença Júnior*. Castelo Branco: IPM, p. 90-111.
- SPINDLER, K (1981) – *Cova da Moura*. Mainz am Rhein: Verlag Phillip von Zabern (Madrider Beiträg, 7).
- TRINDADE, L.; FERREIRA, O. V. (1956) – A necrópole do Cabeço da Arruda (Torres Vedras). *Anais da Faculdade de Ciências do Porto*. 38: 4, p. 195-212.
- VALERA, A. C. (2013) – *Sobreira de Cima. Necrópole de hipogeus do Neolítico (Vidigueira, Beja)*. Lisboa: Núcleo de Investigação Arqueológica (ERA Monográfica, 1).
- WATERMAN, A. J.; PEATE, D. W.; SILVA, A. M.; THOMAS, J. T. (2013) – In search of homelands: using strontium isotopes to identify biological markers of mobility in late prehistoric Portugal. *Journal of Archaeological Science*. 42, p. 119-127.
- ZILHÃO, J. (1994) – A oficina de talhe neo-calcolítica de Casas de Baixo (Caxarias, Vila Nova de Ourém). *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. Lisboa. 2, p. 35-45.
- ZILHÃO, J.; CARVALHO, A. F. (1996) – O Neolítico do Maciço Calcário Estremenho: crono-estratigrafia e povoamento. *Rubricatum*. Gavá. 1: 2 (*Actes del I Congrès del Neolítico a la Península Ibérica*), p. 659-671.